

Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento

2º Ciclo de Estudos em Criminologia

**Caracterização e Trajetórias dos/as jovens NEET: estudo de caso no Concelho da
Maia**

Dissertação de Mestrado em Criminologia

Patrícia Isabel Carneiro Granjo

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Vera Duarte
e coorientação da Mestre Joana Torres

Maia, janeiro de 2021

AGRADECIMENTOS

A concretização desta fase não seria possível sem o apoio e a motivação de determinadas pessoas. Aos quais devo um agradecimento especial.

Nomeadamente, à minha orientadora, Professora Doutora Vera Duarte, por todo o apoio, compreensão, disponibilidade e incentivo ao longo deste percurso. Assim como à coorientadora, Mestre Joana Torres.

Agradeço à coordenadora e gestora do projeto Ativ@-te, Liliana Canteiro, por todo o apoio e disponibilidade para me orientar e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Agradeço aos meus pais, às minhas irmãs, à família e a todos os meus amigos pelo apoio, ao Pedro, à Rita, à Bebiana, à Ana, à Mariya pelo carinho, motivação e sobretudo por acreditarem que seria possível. A todos que me motivaram e acreditaram que seria possível, sem vocês seria ainda mais difícil.

A todos, um muito obrigada!

RESUMO

O fenómeno dos jovens NEET (*Not in Education, Employment or Training*) ou “nem nem” como têm sido apelidados em Portugal tem adquirido, nos últimos anos, um destaque especial pelos organismos (inter)nacionais, políticos e pelos meios de comunicação social. São considerados um grupo bastante complexo, pela vulnerabilidade, desocupação e risco de exclusão social.

Esta investigação tem como principal objetivo analisar as trajetórias de vida dos jovens NEET que participam no Projeto Ativ@-te, com recurso à análise de conteúdo de documentos do projeto e ao grupo focal com os/as participantes do mesmo.

Com uma amostra de 46 jovens, foram selecionados 34 para a construção dos retratos sociológicos que, posteriormente, deram origem à criação de 5 categorias de jovens NEET: Percurso Escolar Condicionado, Percurso Condicionado pela Família, Percurso Linear Positivo, Percurso Instável e Percurso Condicionado por Problemas de Saúde Física e Mental.

Estes retratos refletem a complexidade deste fenómeno, ao demonstrar que é a conjugação de fatores de ordem individual, familiar, escolar e as condições do mercado de trabalho que são propiciadoras da condição de jovens NEET.

Esta investigação pretendeu dar a conhecer o que é ser um jovem NEET, tentar refletir nas suas trajetórias de vida, de forma a compreender os principais fatores de risco que leva um jovem a não estar inserido na escola, no mercado de trabalho e em formação.

Palavras-chave: jovens; NEET; retratos sociológicos; trajetórias juvenis

ABSTRACT

The phenomenon of the NEET youth (Not in Education, Employment or Training) or “nem nem” as they have been called in Portugal, has acquired in the last years a bigger focus from the (inter)national organisms, politics and from the media. They are considered to be a very complex group, because of their vulnerability, lack of management of their free time and the great risk of being socially excluded.

This investigation has as main objective to analyze the life trajectories of the young NEET who participate in the Ativ@-te Project, using the content analysis of the project documents and the focus group which contains the participants of the project.

With a sample of 46 young people, 34 of those were selected for the construction of sociological portraits which, subsequently led to the creation of 5 categories of these NEET youngsters: School-conditioned Path, Family-conditioned Path, Positive Linear Path, Unstable Path and Conditioned Path due to Physical and Mental Health Problems. These portraits reflect the complexity of this phenomenon, by demonstrating that it is the junction of factors such as individual, familial, school and the conditions of the job market that create the condition of being a young NEET.

This investigation aimed to make known what it is to be a young NEET, to try to reflect on their life trajectories, in order to understand the main risk factors that lead a young person not to be inserted in school, in the labor market and in training.

Keywords; youth; NEET; sociological portraits; juvenile trajectories

LISTA DE ABREVIATURAS

EMCO - *Employment Committee*

Eurofound - *European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions*

INE – Instituto Nacional de Estatística

NEET - *Not in Education, Employment or Training*

OECD - *Organisation for Economic Co-operation and Development*

OIT – Organização Internacional do Trabalho

UE – União Europeia

LISTA DE ANEXOS

Anexo A - Tabela 1: Perfis Sociais dos/as jovens do Projeto Ativ@-te

Anexo B - Guião da Entrevista do Grupo Focal dos/as jovens do Projeto Ativ@-te

Anexo C - Esquema Categorização

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	II
RESUMO	III
ABSTRACT	IV
LISTA DE ABREVIATURAS.....	V
LISTA DE ANEXOS	VI
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS NEET	3
1.1. Definição de NEET.....	3
1.2. Categorização dos NEET	6
1.3. Características dos NEET	8
1.4. Dimensão do fenómeno NEET	13
CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE E TRAJETÓRIAS JUVENIS	20
2.1. Juventude: um conceito plural e polissémico	20
2.2. Transições e Trajetórias Juvenis	24
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	31
3.1. Breve Descrição do Projeto Ativ@-te	31
3.2. Objetivos Gerais e Específicos	32
3.3. Opção Metodológica.....	32
3.4. Caracterização dos/as Participantes	33
3.5. Procedimentos.....	33
3.6. Técnicas de Recolha de Dados	34
3.7. Técnicas de Análise de Dados	35
3.8. Roteiro Ético	36
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	38
4.1. Perfis Sociais dos/as Participantes	38
4.2. “Retratos Sociológicos”	41
4.2.1. Percurso Escolar Condicionado	42
4.2.2. Percurso Condicionado pela Família	44
4.2.3. Percurso Linear Positivo	47
4.2.4. Percurso Instável	48
4.2.5. Percurso Condicionado por Problemas de Saúde Física e Mental	51
CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	54
CONCLUSÃO.....	60

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
<i>Websites</i>	68
Anexos	

INTRODUÇÃO

Os NEET são jovens, entre os 15 e os 29 anos, que não se encontram a estudar, a trabalhar, nem estão em formação. Nos últimos anos, têm adquirido destaque pelos organismos internacionais, nacionais e pelos meios de comunicação social. São considerados um grupo bastante complexo, pela vulnerabilidade e desocupação, quando se menciona o desemprego juvenil (Eurofound, 2012, 2020), do mesmo modo destaca-se a falta de oportunidades, apoios e medidas eficazes¹.

Os dados divulgados pelos meios de comunicação social² de diversas entidades (Eurofound, INE, OIT) dão ênfase a uma preocupação social. Na Europa, a juventude está em crescente evidência, principalmente, porque os jovens foram o foco da Estratégia Europa 2020, com os objetivos de reduzir o abandono escolar precoce, aumentar a percentagem de licenciados, assim como aumentar a taxa de emprego entre a faixa etária dos 20 aos 64 anos e reduzir o risco de pobreza ou exclusão social (EUR-Lex, 2017).

Para alcançar estes objetivos e através de uma das iniciativas intitulada Juventude em Movimento, surgem recomendações para os Estados Membros da União Europeia, uma delas orientada para os jovens NEET, denominada Garantia Jovem. Esta medida tem como objetivo a redução da percentagem dos NEET, através de ofertas de emprego, formações profissionais, educação contínua ou a frequência de estágios, num período de 4 meses após estes terminarem os seus estudos ou ficarem desempregados. No caso de Portugal prolonga-se até aos 29 anos (inclusive) (Eurofound, 2020; Reis & Nofre, 2018; Vieira et al., 2018).

Esta medida motivou a implementação de diversos projetos com jovens NEET. Uma vez, que a juventude é uma fase da vida repleta de altos e baixos, moldada por comportamentos de risco e experiências (Eurofound, 2015; Ferreira & Vieira, 2018; OECD, 2016).

¹ “não vão longe os dias em que os jovens acabados de entrar no ensino superior se dirigiam para as filas das secretarias das suas faculdades para congelar as suas matrículas, por falta de meios para garantir o pagamento das propinas; em que um estágio na área de estudos era quase uma miragem e, se através de alguma medida do IEFP, uma utopia; em que ter rendimentos para viver fora de casa dos pais antes dos 30 era uma proeza; ou, simplesmente, em que trabalhar no próprio país com alguma dignidade e/ou na profissão que os realizava poderia ser uma sensação próxima de ganhar a lotaria” (Torres, 14 de setembro de 2020).

² “O número de jovens que não trabalham, não estudam nem frequentam formação, os “nem nem”, aumentou em 2019 para 267 milhões, representando cerca de um quinto do total de jovens no mundo. ... Segundo o relatório “Tendências mundiais do emprego jovem 2020” da Organização Mundial do Trabalho (OIT), existem no mundo 1.300 milhões de jovens (entre os 15 e os 24 anos), dos quais 267 milhões são NEET” (Jornal de Notícias, 9 de março de 2020).

“Hoje há ainda 220,3 mil jovens em Portugal que não trabalham nem estudam, um décimo de todos os portugueses que têm entre 15 e 34 anos. Mas no início de 2013, no pico da crise, chegaram a estar mais de 441 mil jovens fora do mercado de trabalho e também fora de qualquer percurso educativo ou de formação. Em Portugal, a taxa de desemprego jovem chegou a atingir 42,5%.” (Caetano, 10 de junho de 2019).

Mudanças no percurso escolar, a entrada no mercado de trabalho, o grupo de pares e até a constituição de família são façanhas características da fase juvenil que podem acarretar alguns problemas como o consumo de álcool e outras drogas, o abandono escolar, o desemprego, a “vadiagem”, entre outros. Fatores que estabelecem a já conhecida relação entre a juventude e os comportamentos de risco (Camões, 2014).

Neste sentido, esta dissertação pretende analisar as trajetórias de vida dos/as jovens NEET que participam no Projeto Ativ@-te. Este projeto destina-se a jovens NEET entre os 15 e os 29 anos do concelho da Maia, principalmente das freguesias de Pedrouços e Águas Santas, dentro dos quais se destaca os que estão em habitações sociais, em particular situação de vulnerabilidade económica e com baixa escolaridade e baixos níveis de qualificação.

O objetivo geral desta investigação consiste na análise das trajetórias de vida dos/as jovens NEET que participam no Projeto Ativ@-te. Tendo como objetivos específicos a caracterização familiar, escolar e profissional dos/as jovens NEET do projeto Ativ@-te, a construção de perfis sociais destes/as jovens, a identificação dos principais motivos (estruturais e individuais) que colocam os/as jovens na situação de inatividade (não estudam, nem trabalham) e compreender a importância de projetos como o Ativ@-te na vida de jovens NEET. Para tal recorre, principalmente, à análise documental dos instrumentos fornecidos pelo projeto mencionado e ao grupo focal que foi realizado com os/as participantes do projeto.

Esta dissertação divide-se em 5 capítulos. O primeiro é uma revisão da literatura sobre os NEET, com uma caracterização mais aprofundada da sua definição, das suas características, categorias e da sua dimensão. No segundo capítulo faz-se uma revisão da literatura sobre a juventude e trajetórias juvenis. O terceiro capítulo compreende a metodologia, contendo uma breve descrição do projeto Ativ@-te, os objetivos desta dissertação, a opção metodológica adotada, a caracterização dos/as participantes, as técnicas de recolha e análise de dados, os procedimentos efetuados e o roteiro ético. No quarto capítulo procede-se à apresentação dos resultados e no quinto capítulo à discussão dos mesmos. Por último, faz-se uma reflexão com as principais conclusões, limitações e sugestões para outros trabalhos neste tema.

CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS NEET

1.1. Definição de NEET

O termo NEET designa um grupo específico de jovens que não estudam, não trabalham, nem estão em formação. Estes jovens apresentam um elevado risco de exclusão social e dificuldade na entrada no mercado de trabalho. Neste sentido, foram criados indicadores e conceitos alternativos (Eurofound, 2012, 2016), em que se pudesse corresponder às necessidades mais específicas sentidas por este grupo de jovens, para de algum modo combater essas vulnerabilidades.

O termo surge no final dos anos 80, no Reino Unido, e a sua origem está associada às mudanças no regime de beneficiários do desemprego, que exclui de beneficiário os menores de 18 anos. O que provocou a criação da categoria de *Status Zero*, pelos investigadores Istance, Rees e Williamson, com a publicação do seu estudo em 1994. Este estudo englobava os jovens não beneficiários, entre os 16 e os 17 anos, que não continuaram a sua educação, não encontraram emprego, nem estavam a frequentar uma formação (Istance et al., 1994 as cited in Eurofound, 2016; Furlong, 2006).

Porém surgiram críticas negativas a esta categoria, por se considerar que poderia referir-se a uma falta de *status* dos membros desse grupo (Eurofound, 2016; Furlong, 2006). O que fez com que mais tarde, se alterasse para a expressão “*Not in Education, Employment or Training*”, designadamente NEET, um termo mais abrangente e heterogéneo introduzido, oficialmente, pelo “*Bridging the gap: New opportunities for 16 – 18 year olds not in education, employment or training*”, relatório do governo do Reino Unido (SEU, 1999).

Segundo a Eurofound (2016), a célere expansão do termo sem o devido cuidado, principalmente na União Europeia, levou a que não se estabelecesse uma definição concreta do mesmo, o que dificulta a comparação dos dados entre países, uma vez que estes geraram a sua própria definição (Eurofound, 2012). Com o objetivo de cumprir umas das medidas da Estratégia Europa 2020, que abrange os NEET, algumas organizações têm criado uma definição que permite analisar os dados dos NEET em diversos países, como a Comissão Europeia e a OECD (Eurofound, 2012; European Commission, 2011; Reis & Nofre, 2018).

Desta forma, em 2010, foi estabelecida uma definição e metodologia pelo EMCO e o “Indicators Group”³ que permite uma comparação de valores dos NEET entre países da União Europeia (Eurofound, 2012, 2016; European Commission, 2011), e estabelece que os NEET são jovens entre os 15 e os 24 anos "neither in employment nor in any education nor training" e inclui “Unemployed persons (according to ILO definition) not in any education and training; Inactive persons (ILO definition) not in any education and training” (European Commission, 2011, p.2).

Com o apoio do *Eurostat*, através do *European Labour Force Survey* (European Commission, 2011) foi possível recolher os dados dos NEET ao longo dos últimos anos.

Contudo, a idade limite tem vindo a ser alargada, para os 29 anos, decisão motivada pelo aumento das taxas de desemprego juvenil com a crise financeira⁴ de 2008, outro fator predominante, consiste na saída dos jovens do contexto escolar que se dá cada vez mais tarde, adiando a entrada no mercado do trabalho, por exemplo, no caso de um jovem que frequente o ensino superior a sua transição ocorre por volta dos 24 anos, assim como se verifica mudanças nas trajetórias dos jovens, em que um percurso linear entre a escola e o trabalho, deixa de ser cada vez mais frequente (Eurofound, 2012; Ferreira et al., 2017).

De um modo geral, os NEET englobam jovens que não estudam, não trabalham, ou frequentam formação, independentemente do nível de escolaridade, ou seja, que não produzem capital monetário através dos meios formais (Eurofound, 2016; Silva, 2015).

No entanto, alguns países acabaram por adotar uma terminologia própria, como foi o caso de Portugal em que o Instituto Nacional de Estatística utiliza o termo NEEF (Não Empregados que não estão em Educação ou Formação) com a definição:

Conjunto de indivíduos jovens de um determinado grupo etário que, na semana de referência, não estavam empregados (isto é, estavam desempregados ou eram inativos), nem frequentavam qualquer atividade de educação ou formação nessa semana ou nas três semanas anteriores. Em geral, consideram-se como jovens os indivíduos dos 15 aos 24 anos, mas

³ Da qual faz parte a Comissão Europeia e o DG EMPL (Director-General for Employment, Social Affairs and Inclusion) (Eurofound, 2012,2016).

⁴ A crise financeira que emergiu em 2008 teve efeitos globais, originou uma profunda recessão económica à qual Portugal não escapou e só sentiu melhoras na sua economia a partir de 2014, até atingir esse ponto aplicou o Programa de Assistência Económica e Financeira (PAEF), que consistiu num financiamento acordado entre as autoridades portuguesas, a União Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional (FMI). O período mais crítico foi a partir de 2011, com o aumento da pobreza, a degradação das condições de vida e a deterioração do mercado de trabalho (Reis & Nofre, 2018). Os jovens foram a faixa etária mais afetada, confrontados com trabalhos precários ou temporários, principalmente os que tinham pouca ou nenhuma experiência no mercado de trabalho (OECD, 2016).

este indicador também é disponibilizado para grupos etários mais alargados e subgrupos destes (ex.: 15 a 34 anos ou 25 a 34 anos) (Torres & Lima, 2014, p.35).

Para além de NEEF, também se utiliza o termo “Nem Nem”, em Portugal e no Brasil, já em França e em Espanha se caracteriza por “Ni Ni” (Silva, 2015). Também se constata que nem todos os países alteraram a sua faixa etária dos NEET, mantendo o foco no que consideram população juvenil e países como o Japão e a Coreia consideram NEET indivíduos com idade entre os 15 e os 34 anos (Eurofound, 2012).

Estas diferenças trazem algumas desvantagens ao termo NEET, uma das principais, e como já mencionado anteriormente, é a falta de consenso sobre a definição do termo, o que torna difícil explorar, determinar e comparar os dados, quer para gerar políticas públicas para os jovens, quer para comparar os dados entre países (Furlong, 2006). Outra desvantagem é o facto de ser um grupo demasiado heterogéneo (Eurofound, 2012) o que motiva a uma desagregação em diversas categorias para conseguir formalizar medidas que possam ajudar esse grupo em específico (Furlong, 2006). Por outro lado, tem quem considere a heterogeneidade um ponto positivo e que deve ser levado em conta ao criar as políticas, produzindo uma política adequada às necessidades específicas de cada categoria e não como um todo (Eurofound, 2012; Silva, 2015), e sobretudo essas políticas devem ser adotadas de acordo com as características dos NEET desse país (Eurofound, 2016).

Não há dúvida de que o foco nos NEET está a aumentar na Europa, assim como a estandardização do termo (Eurofound, 2016). O que permite um fácil acesso a informação sobre os NEET, porém a maioria dos dados provém de um ponto de vista estatístico (Eurofound, 2012; Silva, 2015), o que os torna num número quando se depreende que eles têm vivências, histórias de vida, entre diversos fatores que os colocam na situação NEET.

Neste sentido, temos NEETs voluntários que estão nesta posição por sua vontade, pois são jovens que têm outros objetivos de momento, como voluntariado, viajar, dedicar-se a outras áreas como as artes e a música, por sua vez os NEET involuntários apresentam outras condições e diversas desvantagens que propiciaram a situação onde se encontram (Eurofound, 2012; Silva, 2015).

Um aspeto conceptual que deve ser compreendido é a diferença entre o desemprego e os NEET. A primeira situação, relativa ao desemprego, congrega

indivíduos que estão desempregados mas têm uma procura ativa de emprego e estão disponíveis para começar a trabalhar, geralmente considerando o mês anterior. Quanto à segunda situação, nos NEET está inserida toda a população juvenil que não trabalha, estuda ou frequenta formação, e engloba os jovens desempregados e os jovens inativos (Eurofound, 2012), também denominados de jovens ativos e inativos (Holmes et al., 2019). Depara-se assim com jovens que estão à procura ativa de um emprego e os que se resignam com tal situação e não procuram emprego (OECD, 2016; Reis & Nofre, 2018).

1.2. Categorização dos NEET

A Eurofound (2012), devido às diferentes experiências, características e necessidades dos NEET, inicialmente desenvolveu uma categorização com 5 grupos, a saber: 1. os desempregados convencionais, que são aqueles que não conseguem encontrar um emprego e estão divididos em desempregados de curta e longa duração; 2. os indisponíveis que são jovens que têm responsabilidades familiares, cuidam de alguém, têm alguma deficiência ou doença que os impede de trabalhar; 3. os desmotivados que abrange jovens que não conseguiram entrar no mundo do trabalho e jovens que não procuram trabalho, nem formação; 4. os que procuram oportunidades que engloba jovens ativos na procura de emprego e formação, porém têm a característica de esperar por uma oferta que condiz com as suas habilidades; 5. e os NEET voluntários que são jovens que decidiram explorar e viajar pelo mundo e jovens que se dedicam a outras atividades, como por exemplo as artes, a música, o voluntariado e a aprendizagem autodirigida.

No entanto, posteriormente, a Eurofound (2016) reviu a categorização estabelecida, com base nos dados que o *European Labour Force Survey* forneceu. Este inquérito utilizou 5 variáveis, sendo elas: a procura de emprego durante as 4 semanas anteriores; motivos para não procurar emprego; disponibilidade para começar a trabalhar nas próximas 2 semanas; motivos pelo qual não está disponível para trabalhar e duração do desemprego.

Da análise destas variáveis, a Eurofound (2016) conseguiu estabelecer 7 categorias que pretendem compreender a heterogeneidade dos NEET e sobretudo perceber porque os jovens não procuram emprego e não estão disponíveis para começar a trabalhar. As situações previstas nas categorias são as reentradas, desempregados de curta duração, desempregados de longa duração, indisponível por doença ou

incapacidade, indisponível devido a responsabilidades familiares, os desmotivados e “outros inativos”⁵. Situações exploradas em pormenor nos parágrafos seguintes:

As reentradas é uma categoria que se refere a movimentos de transição, ou seja, prevê que os jovens voltem a estudar ou a frequentar formações, por já se encontrarem matriculados ou reingressem no mundo do trabalho, podendo já ter sido contactados ou até contratados.

Os desempregados de curta duração são jovens que estão desempregados há menos de 1 ano, estão disponíveis para trabalhar e continuam à procura de um emprego, pressupõem-se que a maior parte desta categoria sejam jovens que acabaram de se formar e estão à procura do primeiro emprego. Os desempregados de longa duração são jovens que estão desempregados há mais de 1 ano, têm uma procura ativa de emprego e encontram-se disponíveis para trabalhar, esta categoria tem um risco mais elevado, pois pode originar um afastamento social e em casos mais extremos propicia danos para o resto da vida.

Os indisponíveis por doença ou incapacidade engloba jovens que não conseguem trabalhar devido à sua condição e jovens que de momento (no prazo de 2 semanas) não têm condições para tal. Os indisponíveis devido a responsabilidades familiares geralmente têm crianças ou adultos com alguma incapacidade a cargo, motivo pelo qual não procuram emprego, nem estão disponíveis para começar a trabalhar.

Os desmotivados são jovens que acreditam que não há emprego para eles, por esse motivo deixaram de procurar e é uma das categorias com mais vulnerabilidade e risco de exclusão social. E, por último, os “outros inativos” que é uma categoria criada para agrupar os jovens que não se enquadram em mais nenhuma das situações previstas. Esta última categoria surgiu para dar resposta a quem não preencheu o motivo pelo qual é NEET, sendo possível encontrar aqui inseridos, jovens que se dedicam a outras atividades (e.g., aprendizagem autodirigida, artes, entre outras), assim como, jovens que procurem alguma oportunidade em específico, ou diversas outras situações.

Face ao exposto, observa-se que, maioritariamente, as alterações nas categorias foram a desagregação das categorias mais amplas, pois tanto a categoria dos desempregados como a dos indisponíveis foram separadas. Um facto compreensível devido à elevada abrangência das mesmas. Também se pode constatar a junção de duas categorias (procuram oportunidades e NEET voluntários) que se transformou na categoria

⁵ Tradução literal do termo “*Other inactive*”, utilizado pela Eurofound (2016).

de Outros Inativos. Por um lado, percebe-se que é muito complicado obter todas as respostas por parte dos NEET através de um inquérito. Porém, admite-se que manter estas duas categorias poderia ser vantajoso para expor todos os motivos que levam os jovens a ser NEET, por mais pequenas ou insignificantes que possam ser em termos estatísticos. Assim como, não se julga benéfico agregar todas estas situações numa única categoria, não se está a referir que a criação desta categoria tenha sido um erro, como já se referiu o motivo é compreensível, a crítica remete-se à destruição de categorias já existentes, em qual existe uma explicação da sua existência.

Considera-se que dentro dos NEET existem jovens vulneráveis que estão mais suscetíveis à marginalização e jovens não vulneráveis que têm uma bagagem cultural, social e monetária superior, pelo que estes apresentam um menor risco de marginalização, assim como jovens que optam por estar nesta situação (Eurofound, 2012, 2016), pelo que se deve tentar explorar todas as motivações que levam um jovem a se tornar NEET.

1.3. Características dos NEET

A heterogeneidade dos NEET proporciona uma ampla gama de características, fatores de risco e diferentes níveis de vulnerabilidade, logo é fundamental explorar estes fatores para se compreender os NEET, porém estas condições são difíceis de analisar separadamente, devido à falta de contexto e do percurso dos jovens na literatura (Eurofound, 2012). Logo, os motivos que podem levar um jovem a ser NEET e as características dos NEET são maioritariamente analisadas como um todo.

Em primeiro lugar, existem algumas particularidades em ser NEET, pois têm uma maior tendência de aglomerar desvantagens, como por exemplo um nível educacional baixo, pobreza, entre outros (Eurofound, 2016; Furlong, 2006) e estes não estão a produzir capital monetário através dos meios formais (Eurofound, 2016; Furlong, 2006; Silva, 2015), sendo esta última a característica comum entre todos os NEET.

É importante realçar que apesar de a idade limite dos NEET se ter alargado e neste momento se encontrar nos 29 anos, grande parte dos dados que irão ser apresentados foram resultados de estudos em que a idade ainda era até aos 24 anos, ou mesmo de estudos que foram realizados com jovens NEET dos 16 aos 18 anos. Assim como os dados de relatórios europeus partem da análise de informação proveniente do Reino Unido, sendo este o principal foco de pesquisas sobre os NEET.

A Eurofound (2012), através do *European Values Study 2008*⁶, identificou algumas características em que a probabilidade de um jovem se tornar NEET é superior quando comparado com a média geral. Isto é, ponderou que um jovem que tenha alguma doença ou possua alguma deficiência tem mais 40% de probabilidade de ser NEET, e essa probabilidade sobe para os 70% se os jovens provêm da imigração. O baixo nível educacional, o local onde se habita (áreas remotas e pequenas cidades) e o reduzido rendimento são fatores bastante influentes. O histórico familiar também tem a sua importância, o baixo nível de escolaridade dos pais é relevante, ter pais divorciados aumenta a probabilidade em 30% e vivenciar o desemprego dos pais aumenta em 17%.

Geralmente estas análises apontam para uma população NEET mais desfavorecida, que tem problemas a nível social, como a família, escola e as características pessoais do jovem e exibem um desinteresse escolar (SEU, 1999), o que faz com que apresentem um risco de exclusão social elevado (Eurofound, 2012). Porém o alargamento da idade e a abrangência do termo proporcionou a inclusão de todos os jovens que não trabalham, não estudam, nem estão em formação, independentemente do nível educacional, o que atenuou esta associação entre NEET e o risco de exclusão social (Eurofound, 2016).

Pelo que se considera a existência de NEETs vulneráveis e não vulneráveis, demonstrando que alguns NEETs estão mais preparados e não apresentam tantos fatores de risco, contudo neste momento fazem parte da população NEET, o que demonstra a heterogeneidade do termo.

No entanto, a análise dos NEET continua a partir da influência social, com base na dinâmica familiar, no sistema educativo, nas características do jovem, adicionando o mercado de trabalho e as trajetórias de vida (Silva, 2015). Ou seja, os fatores que previamente vimos, como a educação, os rendimentos, ter algum problema de saúde, como doença ou deficiência, o ambiente familiar, o local onde se habita, ter um histórico de imigração (Eurofound, 2012, 2016; Torres & Lima, 2014), ou pertencer a minorias étnicas (Eurofound, 2016; Torres & Lima, 2014), continuam a ser fatores de análise quando se menciona os NEET.

Segundo vários estudos realizados (Eurofound, 2012, 2016; Holmes et al., 2019; OECD, 2016; Rowland et al., 2014; Silva, 2015; Torres & Lima, 2014), a característica

⁶ *European Values Study* – “a large-scale, cross-national and longitudinal survey research programme on basic human values, which provides insights into the ideas, beliefs, preferences, attitudes, values and opinions of citizens of 47 European countries and regions”. (Eurofound, 2012, p. 55)

mais influente é a educação, tanto individual, como familiar, pois quanto maior o nível educacional mais este funciona como um fator protetor. Isto não é garantia de que jovens licenciados ou mestres não pertençam aos NEET (Silva, 2015), mas o desinteresse e o abandono escolar proporciona um défice nas habilidades e qualificações sociais (Eurofound, 2015), geralmente associadas às baixas competências de leitura, escrita e uso da matemática. Um dos motivos para este desinteresse na escola, pode partir da generalização do ensino (OECD, 2016), em que nos moldes atuais não é possível um ensino individualizado, pelo que os alunos com maior dificuldade de aprendizagem acabam por ficar para trás.

A média da escolaridade familiar também tem o seu peso (OECD, 2016; Torres & Lima, 2014), contudo pode ser um impulsionador para os jovens, porque os pais podem querer que eles tenham uma vida melhor e os incentivem a estudar, ou mesmo os jovens ganhem esse incentivo próprio. A outra face é que a falta de apoio ou encorajamento dos pais os faça desmotivar dos estudos (OECD, 2016).

Outras características provenientes do ambiente familiar, passam por a permanência dos jovens na casa dos pais, nesta situação a taxa é superior para jovens do sexo masculino, geralmente entre os 25 e os 34 anos, o que dificulta a criação de uma independência monetária e social (Holmes et al., 2019; Silva, 2015; Torres & Lima, 2014), não obstante, o contrário também se verifica em que existe um menor rendimento e risco de pobreza quando os NEET moram sozinhos (OECD, 2016), desta forma a análise deve ter em consideração as características de cada país. O risco também é elevado para jovens provenientes de uma família monoparental (Torres & Lima, 2014).

Uma análise das diversas idades que compõem os NEET revela que a probabilidade de um jovem se tornar NEET eleva-se com o aumento das idades e que as taxas de jovens do sexo feminino são superiores às do sexo masculino (Eurofound, 2016; Torres & Lima, 2014). Este elevado número de jovens do sexo feminino pode ser explicado tendo em conta a possibilidade de serem mães, de terem algum familiar a cargo, de ficarem em casa, denominado de trabalho doméstico não remunerado, entre outros possíveis motivos, mas esta característica tem uma maior probabilidade de estar inserida na categoria de indisponível devido a responsabilidades familiares e a mesma pode ter uma origem voluntária (Eurofound, 2016; Holmes et al., 2019; OECD, 2016).

A constante evolução do mercado de trabalho determina que as habilidades e a procura de informação são essenciais, principalmente através de formações e da aquisição de novos níveis educacionais. Isto restringe os NEET com baixo nível de

escolaridade e com desinteresse na aprendizagem que apresentam grande desvantagem no mercado de trabalho (OECD, 2016). E segundo a Eurofound (2016) só uma pequena parte dos NEET tem experiência de trabalho.

A falta de experiência dificulta a entrada no mercado de trabalho, o que leva ao desemprego e à consequente falta de rendimento (Eurofound, 2015). Mas é compreensível e natural um período de desemprego, geralmente na transição entre a escola e o trabalho (Eurofound, 2012; OECD, 2016). O prolongamento desse período atrasa a possibilidade de acumular a experiência profissional requerida em muitos empregos com melhor remuneração, o que provoca um rendimento inferior e uma frequente troca de empregos (Eurofound, 2012; Silva, 2015). O facto de os pais ou um dos pais estarem desempregados permite um aumento do risco de ser NEET, uma vez que os mesmos poderiam ocasionar oportunidades para os filhos através das suas conexões profissionais (OECD, 2016; Silva, 2015).

A precariedade laboral permite a constante situação de emprego-desemprego, a existência de empregos sazonais, mal remunerados e temporários, proporciona um aumento da vulnerabilidade dos NEET, para não mencionar o facto de as crises económicas afetarem principalmente os jovens, sobretudo pela falta de experiência (Ferreira & Vieira, 2018; Furlong, 2006; OECD, 2016; Rowland et al., 2014), pois são os primeiros a ser mandados embora, que foi o que se sucedeu na crise financeira de 2008 (Ferreira & Vieira, 2018; OECD, 2016). As taxas dos NEET estavam em recuperação e em decréscimo, porém prevê-se que com a crise global que o Covid-19 provocou estas taxas aumentem radicalmente.

No caso dos jovens NEET com alguma doença ou deficiência, as desigualdades sociais e as dificuldades para ingressar no mundo do trabalho ou na educação são maiores, especialmente se forem jovens do sexo masculino (OECD, 2016). A falta de adaptação dos locais de trabalho para receber ou inserir estes jovens pode fazer toda a diferença. Contudo, a doença mental é a que apresenta maior risco para o jovem se tornar NEET (Holmes et al., 2019).

Jovens (i)migrantes apresentam também maior probabilidade de se constituir como jovens NEET, principalmente por causa das dificuldades linguísticas que possam vir a ter (OECD, 2016). Os dados desta população não são de fácil acesso, por vários motivos, têm uma maior probabilidade de mudar de país ou então escaparem aos registos formais. Segundo a Eurofound (2016), só se tem acesso aos dados de jovens que permanecem no país durante algum tempo.

Os estudos da Eurofound (2012, 2015) e da OECD (2016) têm demonstrado que pertencer à categoria dos NEET traz profundas consequências, danos e mazelas a curto e longo prazo, tanto para o indivíduo, como para a sociedade e para a economia. Pode prejudicar diversas dimensões da vida e do bem-estar dos jovens, através de problemas físicos e mentais, como a depressão, dificuldade em vislumbrar um futuro e a falta de perspectivas pessoais originam a insatisfação, normalmente associada à falta de atividade e ao baixo rendimento. Por sua vez a falha ou a falta de instituições socializadoras – escola e trabalho, está associada a situações problemáticas e de risco, como o abuso de substâncias⁷, incluindo álcool ou outras drogas e o envolvimento em atividades criminosas (CEPAL-IOJ, 2008 as cited in Dias, 2016). Os jovens NEET parecem apresentar uma probabilidade superior de se envolverem em comportamentos de riscos no geral, não só criminal ou de abuso de substâncias (Eurofound, 2012, 2015).

Aos jovens NEET também se associa o afastamento e isolamento social, assim como a exclusão social. Segundo diversos estudos⁸ citados pela Eurofound (2015) e o estudo de Zuñiga e Hernández (2011 as cited in Dias, 2016), existe uma relação entre o afastamento social e as atividades criminais, com origem nas consequências da inatividade e do desemprego. Mas, parece ser a nível individual que a exclusão social surge como um fator mais profundo, pois está relacionada com sofrimento psicológico - nomeadamente solidão, impotência, ansiedade, depressão, entre outros – que, nos jovens NEET se expressa na apatia, irresponsabilidade, desinteresse e passividade, ou seja, não procuram mudar as suas circunstâncias.

Se os jovens NEET apresentarem os fatores mencionados anteriormente, pode ser mais difícil chegar a estes NEET, porque os mesmos podem não estar registados em Instituições Públicas, que facultam serviços de apoio, sendo denominados de “missing” NEETs (Eurofound, 2016; OECD, 2016; Reis & Nofre, 2018). Este fenómeno tem sido comparável ao fenómeno *Hikikomori* no Japão, que consiste numa retração social aguda, ou seja, no auto-isolamento num quarto ou casa, que pode durar meses ou anos. Independentemente da idade, estas pessoas retiram-se da vida social, não têm relações sociais para além da sua família, e não estudam nem trabalham. É considerado um fenómeno em crescimento no Japão (OECD, 2017; Tajan et al., 2017).

⁷ O abuso de substâncias propicia dificuldades na obtenção de emprego e na manutenção do mesmo, o que diminui o rendimento, e a necessidade de manter os seus vícios pode levar ao tráfico de drogas ou ao crime (Eurofound, 2012).

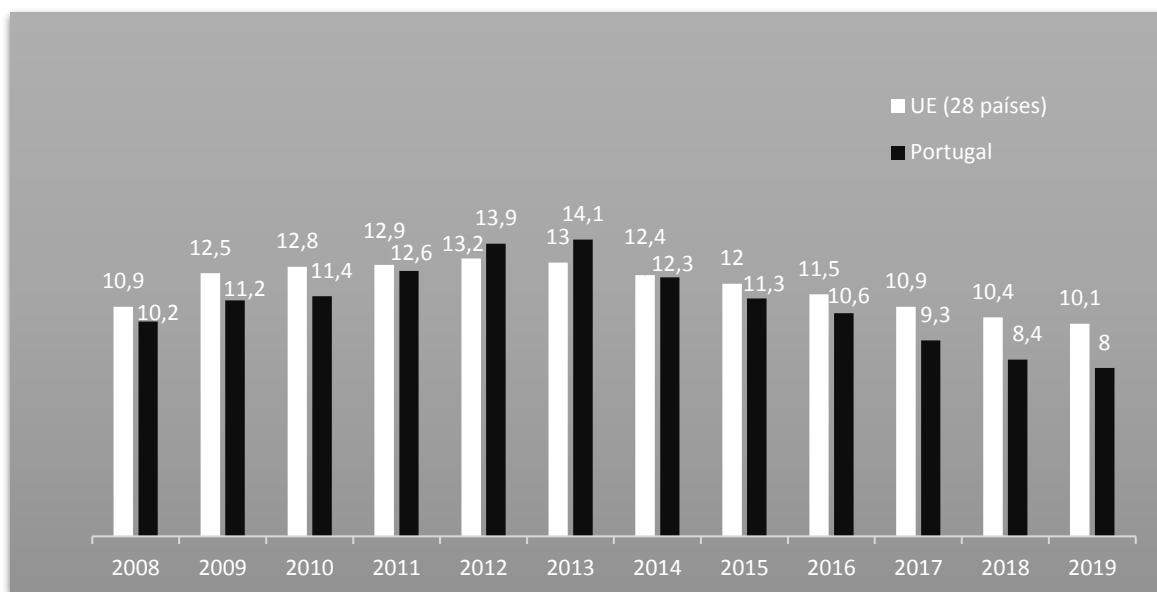
⁸ (Becker, 1989; Creed and Reynolds, 2001; Fergusson et al, 2001; Hagquist and Starrin, 1996; Hammer, 2000; Furnham, 1994; Mitchell et al, 2002; Winefield, 1997)

1.4. Dimensão do fenómeno NEET

Segundo dados da Eurofound (2020), na União Europeia, 14.2% dos jovens são NEET. Nesse sentido, a análise que irá ser efetuada procura focar-se nos dados da União Europeia e afunilar para o caso específico de Portugal.

Os dados do fenómeno NEET sempre tiveram altos e baixos. Os valores estavam a diminuir, independentemente da idade, até ao início da crise económica onde a mudança dos valores foi repentina, passando de 10.9% em 2008 (Eurofound, 2012, 2015, 2016; Ferreira et al., 2017), para 15.9% em 2013. Sendo, este o ano em que a taxa NEET bateu o seu recorde, onde os jovens mais afetados foram dos 20 aos 29 anos (Eurofound, 2016).

Gráfico 1: Percentagem de jovens NEET com idade entre os 15 e os 24 anos em Portugal e na União Europeia, 2008 - 2019 (%)



Fonte: Eurostat 2020

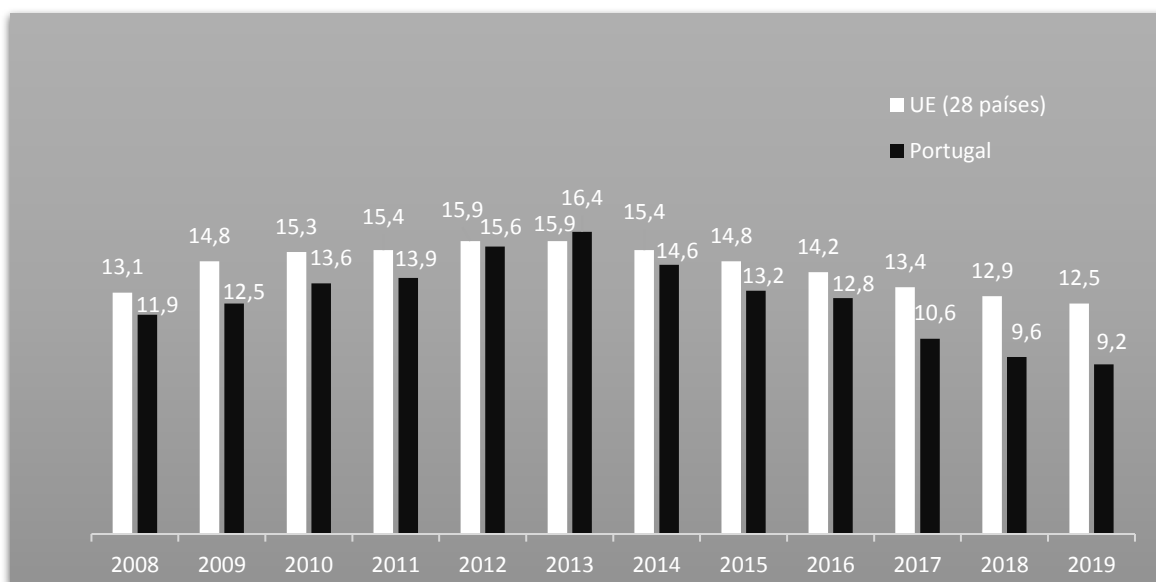
Uma análise do Gráfico 1 denota o que parece ser um equívoco no exposto anteriormente, no entanto segundo o relatório da Eurofound (2016) os valores expostos aparentam estar corretos, mas após uma análise mais profunda acabam por se encontrar valores contraditórios. O que não quer dizer que os valores estejam incorretos, são de análises distintas, pois a Eurostat até uma certa altura só avaliava a percentagem dos NEET entre os 15 e os 24 anos, mas mais tarde aumentou essa avaliação para os 29 anos⁹

⁹ As faixas etárias analisadas pela Eurostat (2020), atualmente, são dos 15 aos 24 anos, dos 15 aos 29 anos e dos 15 aos 34 anos.

e não houve uma respetiva correção, nem uma nota sobre o sucedido no relatório, pelo que se ressalva que a análise de relatórios e trabalhos mais antigos podem conter valores distintos dos atuais, apesar de mencionar os mesmos anos.

Os efeitos da crise para os jovens NEET fizeram-se sentir sobretudo durante 2012 e 2013. Nos anos seguintes os valores voltaram a diminuir, apesar que em menor percentagem. No ano de 2014 eram perto de 15.4%, já em 2015 eram cerca de 14.8%, e registou-se uma descida em muitos países da União Europeia (Eurofound, 2016) (ver gráfico 2).

Gráfico 2: Percentagem de jovens NEET com idade entre os 15 e os 29 anos em Portugal e na União Europeia, 2008 - 2019 (%)



Fonte: Eurostat 2020

Sabe-se que no auge da crise os NEET rondavam os 14 milhões de jovens (Eurofound, 2020), já em 2015 os NEET eram inferiores a esse valor, sendo que as idades mais afetadas eram entre os 25 e os 29 anos (Eurofound, 2016) e em 2016 eram perto de 12,5 milhões, o que corresponde a 14.2% (Eurofound, 2020).

Estes valores são um número “global” dos jovens NEET na Europa, logo estes variam de país para país.

Um estudo da Eurofound (2012) dividiu os países da União Europeia em 4 grupos com características semelhantes, Portugal estava com a Espanha, Irlanda, Estónia, Letónia e Lituânia, um dos fatores que proporcionou esta junção deve-se a todos estes

países terem duplicado ou triplicado a sua taxa NEET durante a crise económica e os níveis NEET dos países serem superiores à média europeia. Os NEET deste grupo foram descritos como jovens do sexo masculino, desempregados, com experiência profissional, porém são pessoas desencorajadas e possuem um elevado nível de habilidades. Outra conclusão foi que nestes países o nível educacional dos NEET está acima da média. Em suma, refere que este perfil está associado ao desemprego gerado pela crise económica.

Os dados dos NEET em Portugal são baseados, maioritariamente, em estatísticas da *Eurostat* e em dados fornecidos pelo INE. Em termos, meramente comparativos, nos seguintes parágrafos, apresenta-se a análise dos valores dos NEET em Portugal e os valores dos NEET na UE nas diferentes faixas etárias que os NEET podem ser avaliados.

A percentagem dos NEET entre os 15 e os 29 anos de Portugal, em 2013 é pouco superior à média europeia, uma vez que ainda se encontra em fase de recessão económica. E, desde o início da crise em 2008 até ao ano de 2019, o ano de 2013 é o único em que a percentagem de jovens NEET em Portugal é superior à da Europa. Pode-se constatar, contudo, que esta percentagem tem diminuído em Portugal nos últimos anos (Eurostat, 2020) (ver gráfico 2).

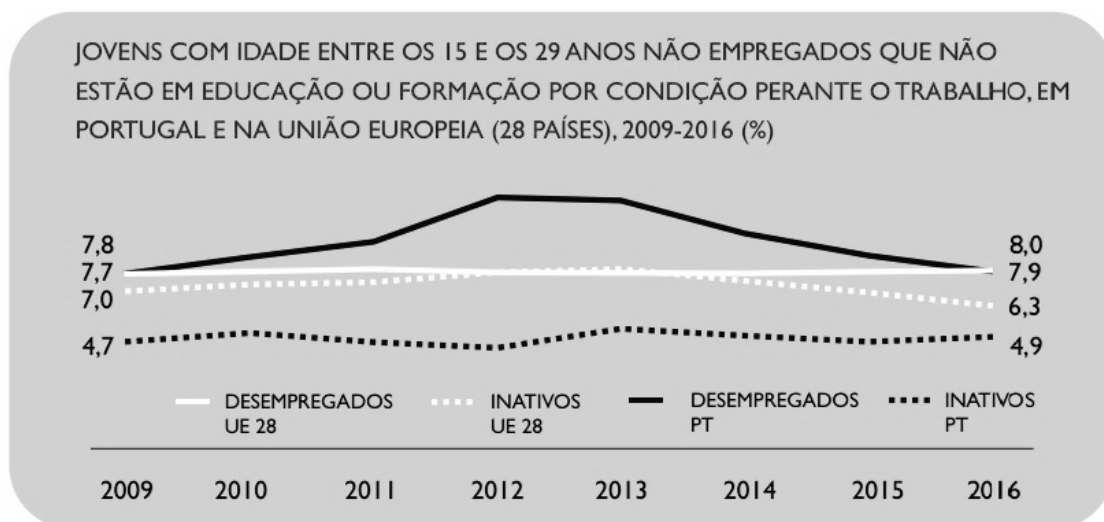
Por sua vez, se analisada a taxa NEET em Portugal, dos jovens entre os 15 e os 24 anos, observa-se que esta é superior à média europeia nos anos de 2007, 2012 e 2013, estando nos restantes anos com valores inferiores (Eurostat, 2020; Torres & Lima, 2014) (ver gráfico 1).

Como os jovens NEET, em certos países, incluindo Portugal, podem ser considerados até uma idade mais tardia - os 34 anos - torna-se relevante expor que se analisada a taxa dos NEET em Portugal, entre os 15 e os 34 anos, esta se manteve sempre inferior à média europeia. Em simultaneidade, o ano de 2013, foi o ano com o valor mais elevado nesta faixa etária, tendo Portugal, 17.1%, muito próximo dos 17.2% da média europeia. Assim como, se verifica a diminuição dos valores até ao ano de 2019 (Portugal com 9.5% e a União Europeia com 13.6%) (CNE, 2020; Eurostat, 2020).

Em suma, o que estes dados nos expõe é que a taxa dos NEET em Portugal quando avaliada de uma perspetiva mais ampla, nomeadamente, entre os 15 e os 34 anos e os 15 e os 29 anos, apresenta uma margem favorável para Portugal, comparativamente com a UE em jovens NEET. No entanto, quando se observa a faixa etária dos 15 aos 24 anos, esta perspetiva altera-se, com valores muito mais próximos e até superiores há média europeia.

Até 2012, a taxa de jovens NEET inativos em Portugal é inferior à europeia e a taxa dos jovens NEET desempregados é superior, só em 2013 é que se observa uma ligeira inversão nos dados, desta forma, a taxa de NEETs inativos sofre um aumento face ao decréscimo dos desempregados se comparado com os dados europeus (Ferreira et al., 2017; Rowland et al., 2014; Torres & Lima, 2014) (ver gráfico 3).

Gráfico 3: Percentagem NEET por condição perante o trabalho (Desempregado; Inativo)



Fonte: Ferreira et al., 2017

17

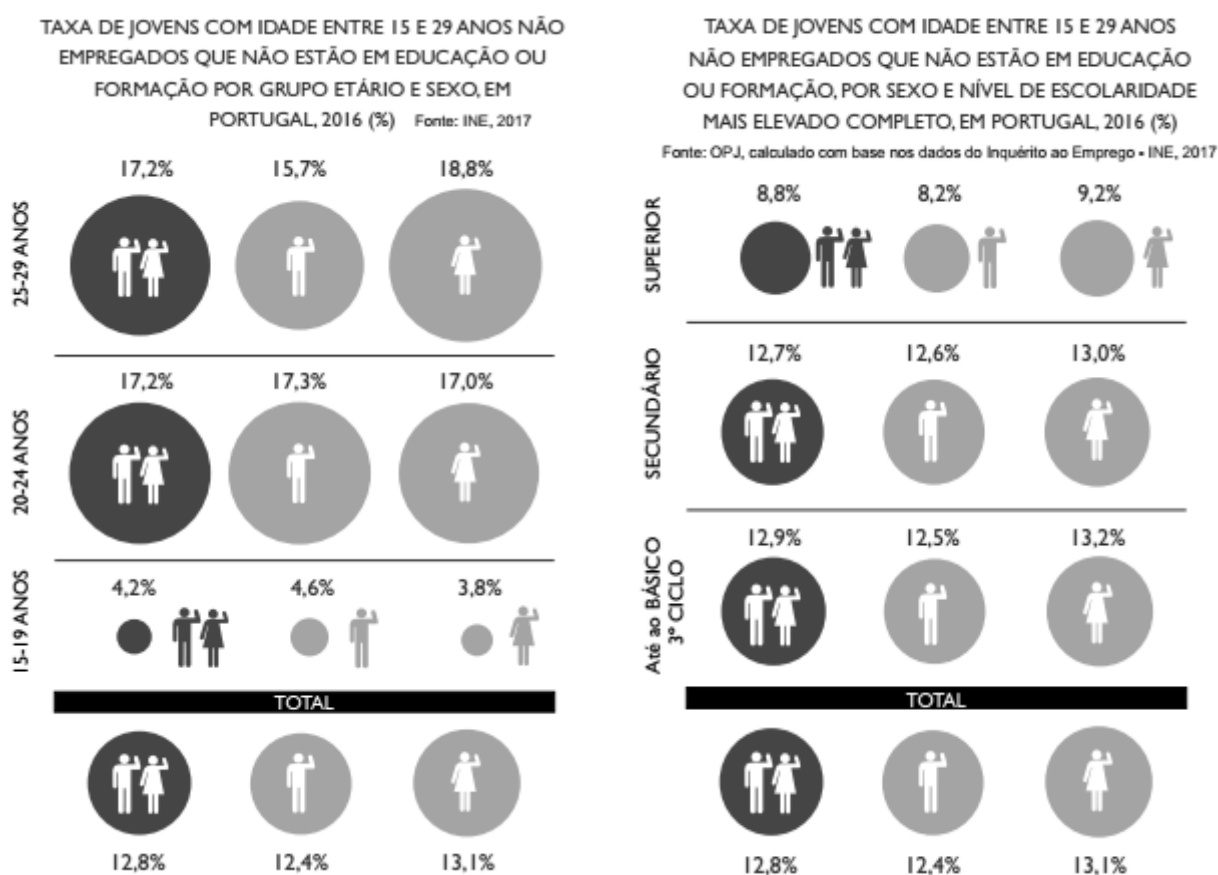
Segundo dados do INE, em 2016, existiam 211 400 jovens NEET em Portugal, representando 12.8% de toda a população juvenil existente no país (Ferreira et al., 2017), já em 2017 rondava os 10.6%, e os NEET desempregados permanecem em evidência face aos inativos (Ferreira & Vieira, 2018).

A observação dos dados dos jovens NEET, presentes em Ferreira et al., (2017), constata que a faixa etária mais afetada é entre os 25 e os 29 anos e o número de jovens do sexo feminino é superior ao do sexo masculino, no entanto ao se investigar as percentagens pelas diversas faixas etárias repara-se que esta é consideravelmente superior dos 25 aos 29 anos, mas que entre os 15-19 e os 20-24 anos esta é superior no sexo masculino. O ensino básico é o nível de escolaridade principal entre os NEET rondando os 12.9%, porém o ensino secundário representa 12.7%, existindo apenas uma ligeira diferença entre ambos e o ensino superior apresenta uma taxa de 8.8%. Por parte destes jovens existiu um aumento da vontade de trabalhar face a valores anteriores, porém ainda

se registou que 2.2% dos jovens NEET declararam não estar à procura de emprego (ver gráfico 4).

Dados mais recentes, indicam que a faixa etária mais afetada é entre os 20 e os 24 anos, seguida da dos 25 aos 29 anos. Com a menor percentagem encontra-se a faixa dos 15 aos 19 anos, podendo esta dever-se ao alargamento da escolaridade obrigatória (CNE, 2020).

Gráfico 4: Percentagem por grupo etário e sexo; Percentagem por sexo e nível de escolaridade.



Fonte: Ferreira et al., 2017

O perfil de um jovem NEET, em 2016, incluía ter mais de 20 anos, principalmente entre os 25 e os 29 anos, ter o ensino secundário, estar em situação de desemprego e apesar de a diferença não ser de todo expressiva o sexo feminino apresenta uma taxa ligeiramente superior ao sexo masculino (Ferreira et al., 2017) (ver gráfico 5).

Também se pode constatar que a taxa NEET não é igual em todo o território português. Com 16.4% em 2019 (CNE, 2020), as regiões autónomas da Madeira e dos

Açores têm a taxa mais elevada dos últimos anos, pois são regiões mais vulneráveis e limitadas quer pelo reduzido mercado de trabalho, quer por vínculos precários ou pelas restritas oportunidades formativas, fatores cumulativamente favoráveis às oscilações económicas (Ferreira et al., 2017; Rowland et al., 2014).

Com base na análise dos dados de 2013 foi possível apurar algumas das características e fatores de risco da população NEET portuguesa, que vão de encontro ao exposto anteriormente, ou seja, o baixo nível de escolaridade, o ambiente familiar, como a permanência na casa dos pais, a monoparentalidade, a reduzida escolaridade familiar e o desemprego na família propiciam o aumento da probabilidade de ser NEET (Torres & Lima, 2014).

Gráfico 5: Perfil dos jovens NEET em Portugal em 2016



Fonte: Ferreira et al., 2017

O aumento do nível educacional é um fator esperado nos próximos tempos, uma vez que a escolaridade mínima obrigatória foi aumentada para o ensino secundário, o que provocou uma diminuição da taxa de abandono escolar (Ferreira & Vieira, 2018; Silva, 2015). Este aumento da escolaridade obrigatória é um fator importante para o mercado de trabalho, porém inicialmente pode demonstrar algumas inconveniências, no sentido em que o mercado de trabalho irá começar a exigir esta faixa do nível educacional e os

indivíduos que anteriormente desistiram da escola vão ter ainda mais dificuldade para ingressar no mundo do trabalho.

Em 2019, os jovens que têm o ensino básico, já sentiram grandes dificuldades para encontrar emprego, pelo que registaram a maior taxa de desemprego, dentro dos jovens. É uma situação transversal a todos os países da União Europeia, que quanto mais baixo o nível educacional, mais difícil se torna encontrar emprego, principalmente após a conclusão ou saída da formação, por um período de três anos (CNE, 2020).

Convém realçar que apesar do aumento da escolaridade obrigatória, o modo de ensino em Portugal não foi alterado, pelo que a desmotivação e o descontentamento dos jovens face à educação é um fator que se pode manter (Silva, 2015).

A entrada no mercado de trabalho por parte dos jovens tem sido cada vez mais tardia (Ferreira & Vieira, 2018), pelo que o mercado de trabalho pode não ter capacidade para receber jovens recém-formados e atribuir-lhes o reconhecimento necessário (Silva, 2015). Ou seja, face ao exposto o perfil dos NEET poderá ser alterado nos próximos anos, tendo jovens que apesar de terem a escolaridade mínima obrigatória não apresentam habilidades suficientes e quem tenha estudos superiores, mas não encontre no mundo do trabalho um lugar para si.

CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE E TRAJETÓRIAS JUVENIS

2.1. Juventude: um conceito plural e polissémico

O discurso sobre a juventude consegue ser bastante complexo e intrincado, uma vez que não existe unanimidade nas suas definições, nem nos seus limites conceptuais. Numa vertente mais popular, considera-se que este se refere aos jovens, não tendo em consideração idades para tal, nem o que é ser jovem e engloba a vertente subjetiva de que o ser jovem para uns pode não o ser para outros. Neste capítulo irá se explorar mais afincadamente estas visões sobre o que pode ser a juventude.

Equiparado à complexidade do discurso, são as tentativas de se estipular uma definição. Pode-se designar que os jovens estão em “processo de construção” e ainda estão “inacabados”, devido à transição efetuada nesta etapa (Pappámikail, 2010).

Há noção de que o que se percebe como juventude se altera com o tempo, quer por razões económicas, socioculturais, educacionais, políticas, entre outras e que varia consoante a cultura (Guerreiro & Abrantes, 2007; Perovic, s/d; United Nations, 2010; WHO, 1986).

Neste sentido, há dois grandes olhares sobre a juventude (Pais, 1990). Um que a vê como uma fase de transição, nomeadamente da infância para a vida adulta, onde se integra o conceito de geração; e outra que a vê como pluralidade, defendendo que não existe uma juventude, mas juventudes (Amaral, 2011; Borges & Coutinho, 2010; Pais, 1990; UNESCO, 2004; WHO, 1986). Vamos analisar as complexidades de cada um desses olhares.

O primeiro olhar tem mostrado que a juventude pode ser observada a partir de uma perspetiva etária. Num sentido mais amplo:

O termo “juventude” refere-se ao período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante o qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero (UNESCO: 2004, p.23).

Na análise da perspetiva etária crê-se que a juventude representa uma etapa da vida, sendo que essa é constituída por um grupo de indivíduos delimitados em termos

etários (Amaral, 2011; Borges & Coutinho, 2010; Pais, 1990), consoante a análise de determinadas alterações biológicas e psicológicas (Amaral, 2011; UNESCO, 2004).

Por norma, é esta a perspetiva que tem sido utilizada para se estabelecer as políticas públicas no campo da juventude (Amaral, 2011; Dias, 2016). Nesse sentido, para se efetuar uma recolha de dados coerente e fiável em diferentes contextos, a trajetória de vida de um indivíduo foi dividida em “ciclos de idade” (UNESCO, 2004), ou fases da vida, tais como a infância, adolescência ou juventude, meia-idade e a velhice (Pais, 1990). E é nesta divisão que surgem alguns problemas, uma vez que os limites estabelecidos para a juventude podem variar. O limite inferior parece ser o que menos traz controvérsia, pois tem por base critérios biológicos e psicológicos que transformam uma criança num adolescente. Por sua vez, o limite superior não tem critérios estabelecidos com precisão e permite que se questione os fatores de passagem da juventude para a fase adulta (UNESCO, 2004; WHO, 1986), o que segundo o *site* das Nações Unidas¹⁰ proporciona a que não exista um consenso quanto aos limites etários desta perspetiva, contudo determina-se que consiste numa fase que transporta o indivíduo da “maturidade fisiológica” à “maturidade social”¹¹ (UNESCO, 2004; WHO, 1986).

A perspetiva etária é utilizada, principalmente, pelos organismos internacionais, para estabelecer relações e comparações estatísticas. Desse modo, as Nações Unidas¹² definiram que a juventude está entre os 15 e os 24 anos¹³, ressalvando que não pretendem interferir em outras definições, estabelecidas por outras organizações¹⁴ ou países (UNESCO, 2004; United Nations, 2010). Todavia, segundo uma análise¹⁵ de Perovic (s/d) é a definição predominante na Europa, pois é aplicada por 23 dos 47 países do Conselho da Europa.

¹⁰ ¹² Nações Unidas – Disponível em: <https://www.un.org/en/sections/issues-depth/youth-0/index.html>

¹¹ As políticas no campo da juventude tendem a se focar e a destacar as necessidades e interesses que os jovens têm em comum, apesar de ter consciência da sua diversidade e que nem todos os jovens passam por estes períodos na mesma idade, nem ao mesmo tempo (DRE, 2018; UNESCO, 2004).

¹³ A Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1985 – Ano Internacional da Juventude, define que um “jovem” deve ter entre os 15 e os 24 anos. Segundo a UNESCO (2004) “Do ponto de vista demográfico, (...) No caso de áreas rurais ou de pobreza extrema, o limite se desloca para baixo e inclui o grupo de 10 a 14 anos; em estratos sociais médios e altos urbanizados se amplia para cima para incluir o grupo de 25 a 29 anos.” (p.25).

¹⁴ Porém, a Organização Mundial de Saúde (OMS) adaptou a sua definição de adolescência à definição de juventude das Nações Unidas, pois considerava que a adolescência era entre os 10 e os 19 anos e era entre estas idades que se verificavam a maioria das alterações, incluindo a maioridade legal. Mas como mencionado anteriormente, a OMS não adotou a definição das Nações Unidas, mas sim adaptou, pois crê que os limites etários que tinham sido estabelecidos se encontravam a meio da fase da adolescência. Nesse sentido estabeleceu e determinou que a faixa etária, mais correta, seria dos 10 aos 24 anos, podendo esta ser dividida por 10-14, 15-19 e 20-24, “*adolescents*”, “*youth*” e “*young people*”, respetivamente, no entanto prevê que estes termos possam ser utilizados indiscriminadamente (WHO, 1986).

¹⁵ “*study contains data on youth policy from Belarus and 47 member states of the Council of Europe, excluding Monaco, where no available official documents or reliable evidence were found.*” (Perovic, s/d, p.2)

Se levada à letra, esta definição¹⁶ considera que as crianças têm uma idade inferior a 15 anos, no entanto, a Convenção sobre os Direitos das Crianças proclamada pelas Nações Unidas defende que “criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo”. Esta decisão tem como base a aquisição de uma maior abrangência destes direitos e proteções, daí o limite ser os 18 anos, assim como, defendem que esta idade é utilizada por muitos países para ser atingida a maioridade legal.

Contudo, esta situação pode ser considerada uma falácia, porque conforme Perovic (s/d), apesar de os 18 anos ser a idade mínima para votar e obter a maioridade legal, exceto na Áustria que são os 16 anos, quando se aborda a idade para se ter responsabilidade penal a história muda de rumo, dado que se tem países que consideram que esta pode ser a partir dos 10, 12, 13, 14, 15, 16 ou 18 anos¹⁷. No caso específico de Portugal, a maioridade legal obtém-se aos 18 anos, mas a responsabilidade penal começa aos 16 anos, ou seja, o Código Penal Português refere que antes desta idade os jovens são considerados inimputáveis, não quer dizer que o jovem não é responsabilizado pelos seus atos, apenas o é sem se vigorar pelo Código Penal e sim por legislação feita para estas exceções (Duarte, 2012).

Em Portugal existe o Plano Nacional para a Juventude, que considera a idade um fator importante. Dá destaque, principalmente, aos jovens entre os 15 e os 29 anos, porém salienta que esta idade pode variar em outras situações, como por exemplo “30 anos no caso do Cartão Jovem; 24 anos para estatísticas de «desemprego de jovens»; 35 anos no âmbito do programa de arrendamento Porta 65 Jovem; e 40 anos na definição de jovem agricultor/a” (DRE, 2018, p.4). Expondo a dificuldade de coesão no estudo da juventude:

A juventude é um conceito difícil de precisar, tratando-se da fase do ciclo de vida que marca a transição da infância para a vida adulta, em que um processo de emancipação bem-sucedido é essencial para efetivar a independência e autonomia das pessoas jovens. Este período de transição para a vida adulta tem vindo a atender a diversas transformações sociais - demográficas, económicas, culturais, entre outras -, pelo que, por esta

¹⁶ Nações Unidas – Disponível em: <https://www.un.org/en/sections/issues-depth/youth-0/index.html>

¹⁷ 10 anos: Reino Unido (exceto a Escócia, com 12), Irlanda e Suíça; 12 anos: Andorra, Bélgica, Hungria, São Marino, Turquia e Holanda (Países Baixos); 13 anos: Grécia e França; 14 anos: Áustria, Albânia, Azerbaijão, Bielorrússia, Bósnia e Herzegovina, Bulgária, Geórgia, Dinamarca, Estónia, Itália, Armênia, Chipre, Letónia, Lituânia, Liechtenstein, Macedónia do Norte, Malta, Moldávia, Alemanha, Romênia, Rússia, República Eslovaca, Eslovênia, Sérvia, Ucrânia, Croácia, Montenegro e Espanha; 15 anos: Islândia, Noruega, Polónia, Finlândia, República Checa e Suécia; 16 anos: Portugal; 18 anos: Luxemburgo (Perovic, s/d).

razão, é possível encontrar no quadro legal e político uma pluralidade de tetos de idade (idade máxima de acesso) em medidas políticas de juventude ou na definição de intervalos para tratamento de dados estatísticos (DRE, 2018, p.4).

A inclusão destas brechas, de possibilitar que cada país direcione a sua definição de juventude consoante a sua população e a sua cultura, leva a que a idade seja vista como uma categoria flutuante, por um lado, é compreensível, já que se vê que o que define os jovens tem outros fatores determinantes envolvidos. Por outro lado, esta flutuação de idades leva a uma crescente desvalorização da perspetiva etária (Doutor, 2016), porque propicia que seja apenas vista como algo com um propósito meramente estatístico.

No segundo olhar, com uma perspetiva social e histórica, a juventude é analisada como um conjunto social, onde a diversidade¹⁸ é uma palavra-chave. Verifica-se nas condições económicas, sociais, culturais, na área de residência se é rural ou urbana, assim como na raça, na etnia, no sexo, nos interesses, nas oportunidades ocupacionais, entre outras características que moldam a identidade do jovem (DRE, 2018; OIT, 2018; Pais, 1990; Silva & Machado, 2010; UNESCO, 2004). Em concordância com este ponto de vista está o pensamento de que não existe uma juventude, mas sim juventudes (Pais, 1990; Doutor, 2016; Duarte, 2012; UNESCO, 2004).

O crescimento de um jovem é adaptado e ajustado consoante as condições que o rodeiam, pelo que tem influência nas formas como vê e lida com as situações, e é nesta lógica que se cria as trajetórias de vida ou o percurso individual de cada um, no qual as estratégias de adaptação são inúmeras (Amaral, 2011; Doutor, 2016). A particularidade de cada um é que enriquece as trajetórias de vida e a perceção disso é um ponto fundamental para o estudo da juventude (Dias, 2016; Ferreira, 2018).

Pais (1990) refere que a juventude é “socialmente construída”, manipulada e manipulável quando se menciona que é uma fase da vida, dado que é construída com base em circunstâncias particulares que têm tendência a se alterar. Por sua vez, Pappámikail (2010, 2011) vai mais longe e alega que as duas perspetivas vistas anteriormente, são “produto da modernidade”¹⁹.

¹⁸ A juventude é um grupo heterogéneo quando se compara os jovens uns com os outros (ex: jovens rurais ou urbanos, jovens estudantes ou trabalhadores, entre outros), porém não é errado dizer que também pode ser um grupo homogéneo, mas só quando se confronta a juventude com as outras gerações (Camões, 2014; Pais, 1990; Pais, 2003 as cited in Doutor, 2016).

¹⁹ Anteriormente, na europa pré-industrial, a transição da infância para a idade adulta era direta. Para Klein (1990 as cited in Pappámikail, 2011), a modernização gerou processos de diferenciação social e, daqui adveio, as mudanças culturais que proporcionaram o surgimento de noções, como a infância, adolescência ou juventude. Atribui também, culpas ao crescimento económico, identificando que este produziu mudanças, apesar de vagarosamente, que permitiram o domínio da educação, que pouco

2.2. Transições e Trajetórias Juvenis

Antes de aprofundar as transições dos jovens, é importante distinguir trajetórias de vida de transições. Para Calvo (2011) a trajetória é o “itinerário completo” de um indivíduo, desde os seus primórdios até ao término da sua vida, representada por um conjunto de eventos distintos em frequência, duração e altura da vida em que ocorrem.

Convém ressaltar que as trajetórias de vida são diferentes para todos os indivíduos, contudo entre homens e mulheres essa diferença ressalta, principalmente, na forma de percepção dessa trajetória (Born, 2001). A trajetória é composta por diversos momentos e uma análise mais específica de quando se sai da infância até ao momento em que se entra na vida adulta, é conhecida como trajetória juvenil (Calvo, 2011).

A compreensão dos eventos que compõem as trajetórias é denominada por transições, por regra tem uma curta a média duração e tem em vista cumprir os objetivos de futuro, conforme as oportunidades existentes, sendo as “fases transitórias ao longo do ciclo de vida juvenil: escolaridade, procura de emprego, início da carreira profissional, namoro e casamento, constituição de família, conquista da posição adulta ...” (Calvo, 2011, p. 39). Esta sequência admite uma “linear e progressiva” transição para a vida adulta (Camões, 2014; Dias, 2016; Guerreiro & Abrantes, 2007; Guerreiro et al., 2007; Pappámikail, 2010; Perovic, s/d).

A linearidade era até há pouco tempo, uma das características principais das trajetórias e das transições (Calvo, 2011). Na época das sociedades industriais (1850-1950), a posição ocupada no futuro seria a que a família ocupa, havendo uma posição social rígida e pré-definida. Depois da 2ª Guerra Mundial, houve uma pequena reviravolta, permitindo-se a ascensão na hierarquia social, com o empoderamento da classe operária (aumento de salários, acesso e prolongamento do ensino académico), o que permitiu que se estabelecesse melhores oportunidades, consoante o esforço escolar de cada jovem, de modo a ajustar o caminho para se ter um futuro melhor, iniciando-se uma suavização das transições para a idade adulta (Calvo, 2011; Pais, 2016; Pappámikail, 2011).

a pouco, alterou os conceitos etários, das diferentes fases da vida, mais propriamente os que intercalam a infância e a idade adulta (Pappámikail, 2011).

No entanto, nos anos 50-60, associado ao consumo de massas, a uma cultura de excessos e à criação de (sub) culturas juvenis²⁰, a juventude foi vista e associada a um “problema social”. Vista como uma etapa de instabilidade e irresponsabilidade, a juventude viu frustradas expectativas profissionais que foram provocadas por uma crise económica (Calvo, 2011; Doutor, 2016; Pais, 1990, 1996). Após esta fase, e com a globalização, surgiram os fluxos migratórios, a precariedade laboral com o trabalho temporário e instável, a entrada da mulher no mundo do trabalho e legitima-se a cessação das classes sociais que se conheciam, propiciando uma maior vulnerabilidade às crises económicas (Calvo, 2011), que cada vez se tornam mais frequentes, afetando principalmente a população juvenil e os trabalhadores em que o seu trabalho é precário.

A intenção não é dizer que estas trajetórias atualmente não existem, continuam a existir, porém também se verificam novos padrões, quebras e bloqueios, modos de dificultar a entrada para a vida adulta (Calvo, 2011; Pais, 2016).

A designação de um indivíduo como adulto passa por um conjunto de responsabilidades que lhe são atribuídas, sendo essas do género “ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento)” (Guerreiro et al., 2007; Pais, 1990, p.141). Ou seja, para obter tal resultado, é necessário que se efetue as devidas transições, podendo essas consistir em:

Mudanças de idade: infância, adolescência, primeira juventude, maturidade adulta ... Mudanças de nível de estudos: escola, liceu, universidade ... Mudanças de estatuto laboral: procura de primeiro emprego, trabalhos iniciais, ascensão na carreira profissional Mudanças amorosas: primeiras relações, namoro, casamento ... Mudanças domésticas: saída de casa, casa partilhada, domicílio próprio... (Calvo, 2011, p.49).

Segundo Guerreiro e Abrantes (2007), as falhas nestas transições tornam o percurso mais inconsistente, em que o definitivo passa muitas vezes a temporário e os avanços e recuos nas fases transitórias do ciclo de vida juvenil, mencionadas

²⁰ As culturas juvenis são associadas a uma cultura dominante e a subculturas. A sua conceção manifesta uma revolta contra as outras culturas dominantes, nomeadamente, uma oposição às culturas das gerações mais velhas (Pais, 1990) e aos seus valores (Doutor, 2016). Em que, os seus amigos e companheiros passam a ser os seus modelos de referência (Pais, 1996).

anteriormente, proporcionam uma aleatoriedade e a não linearidade no trajeto do jovem, ocasionando o prolongamento do “estatuto” de jovem e atrasando a conquista da independência económica, como tão bem nos mostra Pais (2016).

A implementação da escolaridade obrigatória, elevada nos últimos anos, e a possibilidade de ingressar na universidade é um dos fatores principais da permanência prolongada na juventude, uma vez que, conseqüentemente adia a entrada no mercado de trabalho, dado que quem investir na sua formação académica, com 24 anos, ainda pode estar a acabar esses estudos ou a iniciar a sua entrada no mercado de trabalho (Guerreiro & Abrantes, 2007; Pappámikail, 2010; Silva & Machado, 2010). Apesar de propiciar um aumento do nível de escolaridade do país e uma ampliação dos conhecimentos gerais, a qualidade do ensino é um dos temas mais controversos. Desde a reforma do ensino, com a revolução de 1974, poucas alterações foram efetuadas para a sua atualização. Diminuiu-se as taxas de analfabetismo, democratizou-se a escola, mas a sua massificação continua a favorecer a exclusão dos jovens com dificuldades na aprendizagem, o que tem comprometido a sua permanência na escola, ou seja, resultando em reprovações, desmotivação, desinteresse e no insucesso escolar (Guerreiro & Abrantes, 2007; Pais, 1996, 2016; UNESCO, 2004).

Segundo Pais (2016), a massificação do ensino mascara as desigualdades, principalmente as desigualdades económicas, ao promover a ideologia de igualdade educativa que transmite uma falsa expectativa de mobilidade social - a progressão escolar e as classificações obtidas podem, de certa forma, ser manipuladas, com a frequência do ensino privado e o recurso a explicações, meios utilizados, principalmente, por famílias com um ambiente económico mais favorável (Abrantes, 2011). O que torna o acesso ao ensino universitário um dilema, para a maioria dos jovens, devido às médias necessárias para a entrada num curso, o que dificulta a frequência do mesmo, acabando por se ser obrigado a escolher outro curso e após terminado, grande parte dos jovens, acaba por não trabalhar na área de formação (Pais, 2016). Por outro lado, o vasto leque de cursos e especializações disponíveis aparenta novas oportunidades, porém eleva a dificuldade na hora da escolha do que seguir, chegando a adiar a entrada dos jovens por indecisão ou para melhoria de nota (Ferreira, 2018).

Pelo que, o esforço pessoal, o apoio familiar, o envolvimento de certos professores e atividades específicas, são fundamentais no percurso de um jovem, especialmente para os que provêm de classes desfavorecidas, o que se traduz num percurso escolar positivo,

com a possibilidade de alimentar os sonhos que se pretende alcançar (Guerreiro & Abrantes, 2007).

O crescimento exponencial na formação superior dos jovens ocasiona um aumento significativo do número de jovens recém-licenciados, porém o mercado de trabalho não está preparado para estes e não consegue escoar, nem garantir um emprego qualificado. Estes entraves tendem a formar um sentimento de desilusão nos jovens, criando a sensação de que ser detentor de um diploma universitário já não tem valor. É, neste sentido, que surgem algumas das críticas ao ensino universitário, visando-o como um ambiente que não está adequado ao mundo do trabalho, nem prepara o jovem para tal. Tem uma componente demasiado teórica e falta mais prática e aplicação do que é ensinado, através de aulas práticas, estágios ou formações profissionais (Calvo, 2011; Guerreiro & Abrantes, 2007; Pais, 2016; UNESCO, 2004).

Não são só os jovens qualificados que enfrentam dificuldades no mercado de trabalho. Em geral, os jovens têm dificuldade na inserção no mundo do trabalho²¹, muitos devido à precariedade laboral e vêm-se sujeitos a aceitar empregos instáveis, mal remunerados, informais (clandestinos), provisórios ou até criar o seu próprio emprego (Guerreiro & Abrantes, 2007; Guerreiro et al., 2007; Pais, 2016). Este cenário agrava-se para os jovens que têm baixas qualificações, que deixaram a escola antes de obter a escolaridade obrigatória (Silva & Machado, 2010). A dificuldade dos jovens se inserirem no mercado de trabalho é um dos fatores que têm sido utilizado para justificar o prolongamento da juventude (Pais, 2016; Perovic, s/d).

Obter um emprego estável e remunerado de acordo com as qualificações, é um caminho para a independência financeira (Guerreiro & Abrantes, 2007). Sendo natural, existir uma instabilidade inicial em empregos de curta duração, na procura do emprego “ideal”, mas é um sinal alarmante a continuação por um período de tempo extenso destes episódios em diversos empregos precários, intercalando com fases de desemprego (Dias, 2016; Pais, 1990).

Assim se vê realidades distintas, quem tem a necessidade de se sustentar ou contribuir financeiramente para ajudar a sua família, acaba por ficar com qualificações inferiores e ingressar assim que possível no mundo do trabalho, ao contrário de alguns jovens que têm condições ou ajudas para aumentar a sua qualificação e depois ir à procura

²¹ A dificuldade de inserção no mundo do trabalho não quer dizer que os jovens não consigam encontrar o primeiro emprego, pode acontecer, mas no entanto, o que se sucede é esse emprego ser através de vínculos precários ou consistir em estágios (remunerados ou não), para alguns dos jovens estes empregos servem para adquirir ou fortalecer a experiência profissional (Guerreiro & Abrantes, 2007).

de um emprego que projete uma vida mais favorável (Guerreiro & Abrantes, 2007; Pais, 2016).

Tentar alcançar essa vida mais favorável torna cada vez mais frequentes as situações de retrocesso, isto é a convivência entre o sistema de ensino e o mercado de trabalho (Silva & Machado, 2010), em que o estatuto de trabalhador-estudante é um facilitador desta situação. Estes casos acontecem quando os indivíduos apesar de já estarem inseridos no mercado de trabalho sentem necessidade de regressar ao ensino, tanto para melhoria dos seus conhecimentos, quanto para a sua atualização ou para a ascensão na carreira profissional.

Esta luta por uma vida melhor parte muito da vontade e dos diversos objetivos e projetos pessoais, porém, a instabilidade financeira acaba por os arrastar no tempo. Esses objetivos podem ser diversos, desde a aquisição de uma casa própria e da constituição de uma família, ao emprego e ao nível financeiro (Guerreiro & Abrantes, 2007; Guerreiro et al., 2007).

Nesse sentido, verifica-se a permanência dos jovens em casa dos pais por períodos mais longos, com algum grau de dependência, quer seja material ou financeira. Ou então o retorno a casa destes por perda de posses, pela perda do emprego, assim como de ruturas com companheiro/a. Os fatores que têm peso nestas situações devem-se principalmente à mudança de mentalidades, em que não é necessário sair da casa dos pais para ter uma relação amorosa, ou até coabitar com essa pessoa, pois o casamento já não tem o peso de antigamente, nem o rótulo de que é para a vida toda. Assim como, aos altos valores das rendas, aos baixos salários e à continuação dos estudos (Guerreiro & Abrantes, 2007; Pappámikail, 2010; Silva & Machado, 2010).

Estes avanços e recuos afetam a linearidade das trajetórias de vida, levando o sociólogo Machado Pais (2016) a nomear estas como “trajetórias ioiô ou yo-yo”. Nada é garantido e tudo é reversível, tanto ao nível educacional, como profissional e familiar. Há quem abandone os estudos e mais tarde os retome, quem encontre emprego e acabe por o perder, assim como quem volte aos trabalhos temporários e precários para conseguir algum dinheiro. Da mesma maneira, há quem saia da casa dos pais para mais tarde regressar e relações que entram em crise, que terminam em divórcio, separação e posteriormente se podem resgatar ou então a constante alternância de relacionamentos (Guerreiro et al., 2007; OIT, 2018; Pais, 2016). Como consequência desta reversibilidade os fatores que permitiam a transição para a vida adulta estão cada vez mais difusos e imprecisos (Guerreiro & Abrantes, 2007; Pappámikail, 2010), o que facilita a criação de

diversos caminhos que se pode seguir, pois as variações nas transições são inúmeras, principalmente nos níveis apresentados anteriormente (OIT, 2018).

A transição da escola para o trabalho dos jovens é uma das transições mais inconstantes, o que torna os jovens um grupo vulnerável, principalmente ao desemprego, que aumenta consideravelmente nas crises económicas (Rowland & Vieira, 2015; United Nations, 2010; Vieira et al., 2018). De entre outros, um dos métodos utilizados para “reduzir” a taxa de desemprego foi elevar a escolaridade obrigatória ou reencaminhar estes indivíduos para formações, que os retira temporariamente da lista de desempregados (Pais, 1990, 2016; Vieira et al., 2018). O desemprego juvenil não é fácil de recensear, pela instabilidade do emprego/desemprego, pelos trabalhos informais (clandestinos) ou pela inatividade que mascaram esta realidade (Pais, 1990, 2016). A esta situação, segundo Guerreiro e Abrantes (2007), junta-se o descrédito que os jovens atribuem às entidades oficiais o que os leva a não declarem a sua situação.

A juventude é caracterizada por uma etapa de dificuldades, instabilidades e problemas. Podem ser na escola, com a família, na inserção no mercado de trabalho, no consumo de substâncias lícitas e ilícitas, em comportamentos delinquentes, entre outros (Pais, 1990, 2016). Todas as transições vividas na juventude têm riscos e fragilidades associadas (Camões, 2014; Dias, 2016; Duarte, 2012; Guerreiro & Abrantes, 2007), sendo esse risco elevado exponenciado quando o jovem já vive numa situação de marginalidade e precariedade (Pais, 2016). No entanto, a exclusão e o isolamento social também se refletem quando as entidades informais (família, amigos) e formais (escola, emprego) falham (Guerreiro & Abrantes, 2007; Guerreiro et al., 2007).

Os NEET, desde logo, têm o risco e a exclusão social relacionados, pois todos os fatores mencionados ao longo do texto têm influência neste grupo, apesar de não coincidir com todos os NEET. As falhas nas transições proporcionam que este número aumente e deixe os jovens com mais tempo livre (Dias, 2016; Vieira et al., 2018), e a associação entre jovens e mais tempo livre pode derivar em comportamentos de risco e delinquência, uma vez que é durante este período que ocorre a maioria dos comportamentos delinquentes, muitas vezes influenciados pela tenra idade, pois é principalmente nesta altura, que se experiencia novas situações e se pisa o risco (Dumazedier, 1990 as cited in Pais, 2016).

Este é um dos principais fatores de risco dinâmicos²², juntamente com a personalidade antissocial, as atitudes procriminais, o abuso de substâncias, o suporte social para o crime, as relações familiares e a escola/trabalho²³ (Bonta & Andrews, 2007).

As necessidades criminógenas, que são os fatores de risco dinâmicos, têm correlação direta ao comportamento criminal (Bonta & Andrews, 2007).

Algo que a teoria do desenvolvimento e dos percursos de vida tenta conhecer ao pormenor, uma vez que estuda as mudanças no comportamento criminal ao longo da trajetória de vida, tentando abordar e explicar essas mudanças individualmente. Tendo três problemas principais: o desenvolvimento do comportamento da ofensa e antissocial; fatores de risco e fatores de proteção em diferentes idades; e efeitos dos eventos da vida no desenvolvimento do curso de vida (Farrington, 2017).

Esta teoria tenta englobar uma série de conhecimentos desde individuais, familiares, grupo de pares, escola, comunidade, entre outros, para a análise do crime (Farrington, 2017).

Neste sentido, investigar trajetórias de vida implica levar em consideração o quadro macrossocial de constrangimentos estruturais em que os indivíduos se inserem, quer sejam a nível cultural, económico, social, entre outros, mas também as suas disposições para ação, ou seja, os seus comportamentos e as suas atitudes que marcam os seus percursos individuais e a sua identidade (Duarte, 2012). Constatado por Butler (2008: 151 as cited in Duarte, 2012) “não só somos construídos culturalmente, como também, em certo sentido, nos construímos a nós mesmos/as”.

²² Um fator de risco é um fator ou qualquer situação que aumente a probabilidade ou as consequências de cometer crimes/comportamento delincente, podendo ser divididos em fatores de risco estáticos e dinâmicos. Fatores de risco estáticos, como o próprio nome indica é algo estático, imutável e refere-se a comportamentos que ocorreram no passado, como por exemplo a história criminal. Fatores de risco dinâmicos são aqueles que se podem alterar, e que podem ter ou sofrer algum tipo de intervenção (Bonta & Andrews, 2007).

²³ Padrão de Personalidade antissocial remete à impulsividade, agressividade, irritabilidade, entre outros; Atitudes procriminais são atitudes que têm conotação negativa face à lei; Suporte social para o crime é a associação a amigos ou a pares que estejam ligados ao mundo do crime e a isolamento e convivência única com pares antissociais; Abuso de Substâncias é o excesso de consumo de álcool e outras drogas; Relacionamento familiar/conjugal, este fator visa principalmente as fracas relações, a falta de monitoramento e disciplina pelos progenitores; Escola/Trabalho envolve um nível fraco de rendimento e performance, assim como baixos níveis de satisfação; e Atividades recreacionais que consiste no défice de envolvimento em atividades recreacionais/hobbies durante o tempo livre (Bonta & Andrews, 2007).

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

3.1. Breve Descrição do Projeto Ativ@-te

Esta investigação metodológica envolveu a análise dos/as jovens NEET que se encontravam inseridos no Projeto Ativ@-te!²⁴, abrangido pelo Programa de Cidadãos Ativ@s. Este projeto destina-se a jovens NEET entre os 15 e os 29 anos do concelho da Maia, principalmente das freguesias de Pedrouços e Águas Santas, dentro dos quais se destaca os que estão em habitações sociais, em particular situação de vulnerabilidade económica e com baixa escolaridade e baixos níveis de qualificação.

É objetivo do projeto o empoderamento de grupos vulneráveis, procurando contribuir para a redução da percentagem de jovens NEET no concelho da Maia. Para concretizar esta meta apresenta os seguintes objetivos específicos: envolver os jovens NEET do concelho da Maia em processos de capacitação inclusivos e participativos que conduzam à sua integração socioprofissional; desenvolver mecanismos de cooperação intergeracional e de mentoria para benefício da inclusão destes grupos de jovens; desenvolver programas de formação e capacitação junto dos jovens NEET que favoreçam a sua transição para o mercado de trabalho, apoiando a aquisição de competências através de atividades de educação não formal e informal, incluindo os processos artísticos, culturais e desportivos; incentivar e apoiar o envolvimento e participação de jovens em organizações juvenis no desenho de políticas, implementação e acompanhamento e promover a melhoria da qualidade no domínio da juventude, sobretudo através da cooperação reforçada entre jovens, organizações e outros *stakeholders*.

O Projeto Ativ@-te oferece diversas oportunidades aos jovens, desde encaminhamentos para formações, voluntariado, atividades de lazer construtivo, como *workshops*, dinâmicas de grupo, desporto, encontros, visitas, entre outros. Acompanhamentos individuais e em grupo, experiências vocacionais, programas de mentoria, estágios, entre outras diversas atividades. Assim como, apoio e auxílio em construção do currículo profissional, na candidatura para postos de trabalho e na preparação das entrevistas, com por exemplo, correções de postura e formas mais adequadas de falar.

²⁴ Website do Projeto: <https://www.misericordiadamaia.com/ativate>

3.2. Objetivos Gerais e Específicos

O objetivo geral desta investigação é analisar as trajetórias de vida dos/as jovens NEET que participam no Projeto Ativ@-te. Desta forma, os objetivos específicos constituem a:

- Caracterização familiar, escolar e profissional dos/as jovens NEET do projeto Ativ@-te;
- Construção de perfis sociais destes/as jovens;
- Identificação dos principais motivos (estruturais e individuais) que colocam os/as jovens na situação de inatividade (não estudam, nem trabalham);
- Compreender a importância de projetos como o Ativ@-te na vida de jovens NEET.

3.3. Opção Metodológica

Esta dissertação surge no âmbito da avaliação externa desenvolvida pela Unidade de Investigação em Criminologia e Ciências do Comportamento (UICCC), do Instituto Universitário da Maia, ao Projeto Ativ@-te. Neste sentido, as opções metodológicas estão enquadradas neste âmbito. A avaliação externa recorreu a duas metodologias. A primeira é a análise de conteúdo de documentos do projeto, como os registos de presença, os registos de acompanhamento, encaminhamento e integração e as grelhas de monitorização e avaliação das competências adquiridas. A segunda metodologia consistiu na inquirição dos jovens, parceiros e gestora/coordenadora do projeto, ou seja, realização de grupos de discussão com os/as jovens e os parceiros e na concretização de uma entrevista semiestruturada com a gestora/coordenadora do projeto.

Para esta investigação, privilegiou-se a análise de conteúdo de documentos do projeto (registos de acompanhamento, encaminhamento e integração e da ficha de caracterização individual) e o grupo de discussão (grupo focal) que foi realizado com os/as jovens do projeto.

Para além do já mencionado, em algumas atividades concretizadas pelos/as jovens, foi realizado o método de observação participante, sendo desta forma que se dá entrada no terreno e se tenta estabelecer uma ligação com o projeto e os/as jovens. No entanto, a situação da pandemia do Covid-19 veio paralisar todos os aspetos relacionados

com o trabalho de campo, condicionando a presença física no terreno, sendo necessário reajustar prioridades e estabelecer novas formas de contacto.

Para a concretização desta investigação foi fundamental o apoio prestado pela coordenadora do Projeto Ativ@-te. Sem os dados fornecidos pela mesma, seria impossível a realização deste trabalho.

3.4. Caracterização dos/as Participantes

Para a execução desta investigação, a seleção da amostra coincide com a totalidade dos jovens NEET inseridos no projeto Ativ@-te, até fevereiro de 2020, que consiste num grupo de 46 jovens. Neste sentido foi efetuada uma caracterização geral de todos/as os/as jovens para se perceber um pouco das características deste grupo NEET (ver Anexo A).

Destes 46, foram selecionados 34 jovens para a construção de perfis sociológicos. Para tal inspiramo-nos no conceito de retratos sociológicos (Lahire, 2004), que é um método que permite compreender os comportamentos e atitudes dos indivíduos, tendo em consideração o contexto social onde se encontram no momento da ação, de forma a interpretar as variações entre estes dois fatores. Para fazer esta seleção recorreu-se a um processo de seleção criterial. Os critérios de exclusão foram: 1) o processo do/a jovem não ter informação sobre a sua história de vida; 2) o processo dos/as jovens não tem informação de relevo da sua história de vida, nomeadamente nos três pilares principais de avaliação, o contexto familiar, escolar e profissional.

3.5. Procedimentos

Quanto aos procedimentos adotados, convém destacar que inicialmente se concretizaram reuniões com a coordenadora do projeto, para debater como esta dissertação se poderia encaixar no projeto, em conjunto com assuntos relacionados à avaliação externa.

Um fator decisório seria assistir a algumas atividades dos/as jovens, pelo que a entrada no terreno, para a observação participante se deu em inícios de dezembro, de forma a apurar se existia uma adaptação ao projeto e a melhor forma de explorar a informação. De seguida, efetuou-se o pedido de autorização para a realização da

dissertação à provedora da Santa Casa da Misericórdia da Maia, entidade promotora do projeto Ativ@-te.

3.6. Técnicas de Recolha de Dados

Esta investigação recorre à técnica de análise documental para a recolha de informação e indicações sobre o percurso destes jovens, apesar de ter concretizado outras técnicas ao longo da investigação, como a técnica do grupo focal e a observação.

A análise documental, segundo Chaumier (1974, as cited in Bardin, 1977), é “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob a forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referenciação”. Esta técnica proporciona a condensação da informação, principalmente por classificação-indexação, com a intenção de facilitar o acesso a essa informação pertinente (Bardin, 1977).

Os documentos analisados foram o Registo de Acompanhamento, Encaminhamento e Integração e as Fichas de Caracterização Individual que são instrumentos individuais e cuja informação é preenchida pela Gestora do projeto. O primeiro registo tem anotações, situações, contactos e informações dos/as jovens ao longo do projeto. O segundo dá-nos informação-diagnóstico sobre o/a jovem no momento de entrada no projeto e abrange diversas áreas, desde informações pessoais, habilitações literárias, experiência profissional, agregado familiar, história de vida, entre outras.

A informação recolhida na análise documental serviu para concretizar o objetivo geral desta investigação, mas sobretudo para responder aos objetivos específicos: Caracterização familiar, escolar e profissional dos/as jovens NEET do projeto Ativ@-te; Construção de perfis sociais destes/as jovens; e identificação dos principais motivos (estruturais e individuais) que colocam os/as jovens na situação de inatividade (não estudam, nem trabalham).

O grupo focal com os/as jovens foi uma das atividades realizada pela avaliação externa e decorreu no dia 20 de fevereiro de 2020, presencialmente, com o devido consentimento informado dos mesmos, com a intenção de abordar a definição de juventude e os principais obstáculos para estes.

O guião da entrevista deste grupo focal foi construído pela avaliação externa e dividiu-se em dois grandes momentos. Após o protocolo da entrevista (apresentação da equipa, do objetivo do grupo focal e de todas as autorizações necessárias para a gravação

do mesmo e da garantia do anonimato/confidencialidade) fizeram-se questões mais introdutórias e de caracterização do que é ser jovem e do que é ser jovem NEET, seguido de questões dirigidas ao desenvolvimento e impacto do Projeto (ver Anexo B).

A participação no grupo focal foi somente de observação, com pequenas anotações das situações. No entanto, procedeu-se à transcrição do mesmo. A informação obtida no grupo focal, assim como a análise do primeiro relatório intercalar da avaliação externa do Projeto Ativ@-te, foram utilizados, exclusivamente, para se cumprir o quarto objetivo - Compreender a importância de projetos como o Ativ@-te na vida de jovens NEET.

A técnica da observação participante foi aplicada, especificamente, para assistir às atividades que o Projeto oferece aos/às jovens, nomeadamente a atividade do grupo de dança.

3.7. Técnicas de Análise de Dados

A análise dos dados foi realizada através da técnica de análise de conteúdo dos vários documentos, com recurso ao processo de categorização e a uma análise temática.

Para o tratamento deste tipo de informação, a técnica de análise de conteúdo verifica-se a mais correta, uma vez que não se parte de hipóteses já concebidas, mas sim de dados que precisam de ser organizados e avaliados, “reúne dados de forma controlada e sistemática que depois organiza e classifica. (...) Ela poderá mostrar, por exemplo, a importância relativa atribuída pelos sujeitos a temas como a vida familiar, a vida económica, a vida profissional, a vida religiosa, etc.” (Vala, 1990, p.105).

Realizou-se uma análise de conteúdo temática, com a criação de grandes temas de análise com o objetivo de criar tipologias/grupos de jovens que partilhassem determinados padrões e preenchessem determinadas categorias. A construção de uma grelha permitiu a reunião e análise das diferentes características e momentos vivenciados por estes/as jovens, que levou, mais tarde, à construção dos seus retratos sociológicos. Sublinha-se, aqui, o facto de os dados que serviram de base a esta análise não terem sido recolhidos no âmbito desta investigação (mas pela gestora do projeto), o que resultou em não conseguir abranger algumas áreas e sobretudo ter a informação completa das situações. Nesse sentido, alguns dos retratos obtidos acabam por levantar mais perguntas do que respostas.

Apesar de termos como base os objetivos que norteiam esta investigação, os temas estabelecidos foram gerados a partir da análise dos dados, inicialmente orientada para cada jovem e depois analisada consoante cada tema (ver Anexo C), a saber: problemas de saúde, infância, adolescência, escola, comportamentos desviantes e mercado de trabalho. Em torno destes temas estabeleceram-se categorias e, como refere Vala (1990), estas categorias permitem descomplicar, identificar, ordenar ou atribuir sentido às diversas situações.

Foi na leitura combinada dos temas e das categorias emergentes que se construíram os cinco percursos identificados. No decorrer da análise da informação obtida existiram algumas situações e padrões que se destacaram, nomeadamente, os/as jovens com um percurso impecável na escola e sem qualquer tipo de comportamentos disruptivos e o inverso, jovens com um percurso negativo geral, ou seja, com eventos negativos em ambiente familiar, escolar e a existência de comportamentos desviantes e desajustados. Estes dois pólos opostos motivaram a criação de dois dos cinco percursos identificados, o percurso linear positivo e o percurso instável.

A restante categorização, não se mostra tão clara e evidente quanto as duas primeiras, mas a exploração das categorias permitiu perceber que há situações em que os problemas de saúde, quer sejam de nível mental ou físico, foram preponderantes na trajetória dos/as jovens (dando origem ao percurso condicionado por problemas de saúde física e mental). Outros há que o seu trajeto foi condicionado pela família, que teve consequências diretas e nefastas no/a jovem. Ou ainda o percurso escolar condicionado que abrange jovens com trajetórias negativas na escola (ver Quadro 1 na página 42).

A análise da informação obtida no grupo focal, assim como do primeiro relatório intercalar da avaliação externa do Projeto Ativ@-te, foi mais concreta e específica. Procurando, especificamente, a que se relacionava com a importância e a influência que um projeto deste género tem nos/as jovens NEET.

3.8. Roteiro Ético

As questões éticas, nomeadamente a confidencialidade, a privacidade e a segurança de todos os envolvidos foram sempre tidas em consideração. Esta investigação não construiu os seus próprios instrumentos de recolha de dados, mas usufruiu dos instrumentos construídos pela avaliação externa e pelo projeto. Assegura-se que os

procedimentos que auxiliou seguiram as normas de informar dos objetivos, instrumentos e procedimentos a adotar e o respetivo consentimento informado.

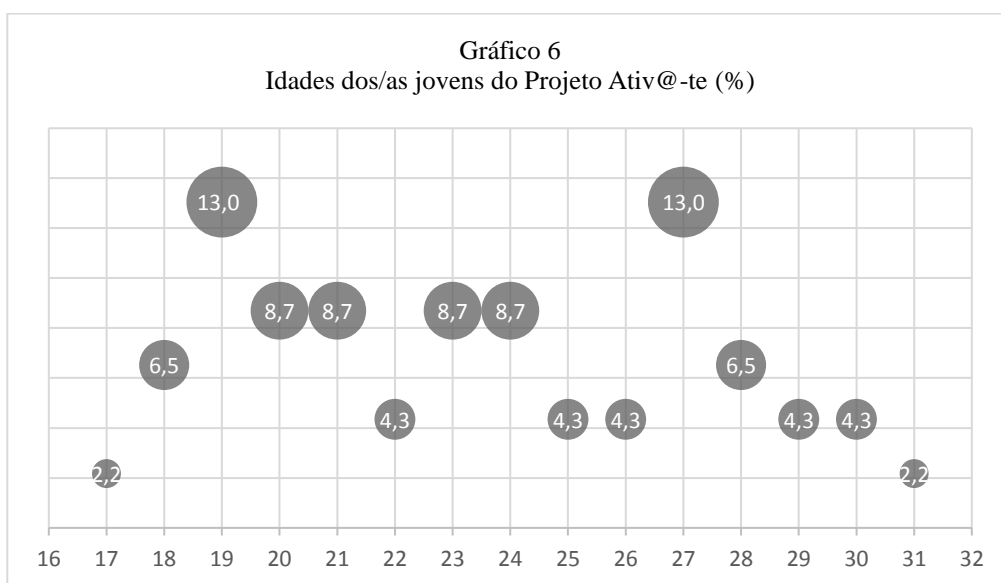
A informação que contém dados pessoais foi codificada e tem limitação de acesso. Assim como as informações pessoais utilizadas nesta investigação, nomeadamente os nomes, que foram anonimizados com a substituição por nomes alternativos.

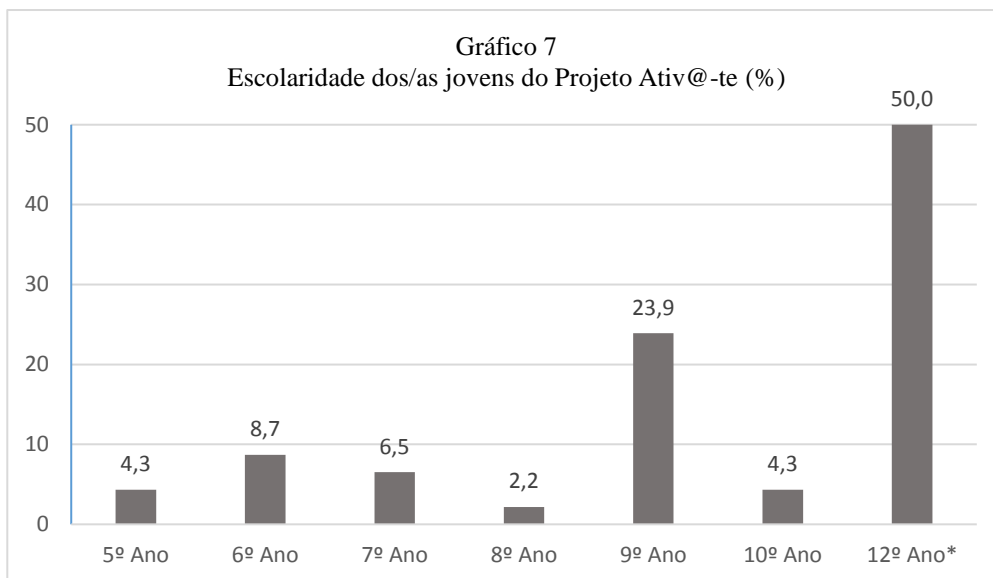
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1. Perfis Sociais dos/as Participantes

Um dos objetivos desta investigação consiste em estabelecer um perfil social destes/as jovens, ou seja, construiu-se uma caracterização sociodemográfica dos/as jovens inseridos no projeto, até ao momento, sendo esses 46 jovens, constituído por 24 indivíduos do sexo masculino e 22 indivíduos do sexo feminino (ver Anexo A).

A caracterização sociodemográfica indica que os/as jovens são maioritariamente (97.8%) de nacionalidade portuguesa, nascidos entre 1989 e 2002. A análise das idades (ver Gráfico 6), revela que 13% dos/as jovens têm 19 ou 27 anos, com 8.7% encontram-se os/as jovens de 20, 21, 23 e 24 anos. Águas Santas é a freguesia mais representada, com 56.5%, seguida por Pedrouços com 32.6% e Folgosa, S. Pedro de Fins e Castelo da Maia com 10.9%. 50% dos/as jovens tem o 12º ano, 23.9% tem o 9º ano e 8.7% tem o 6º ano, os/as restantes jovens têm o 10º (4.3%), 8º (2.2%), 7º (6.5%) ou 5º (4.3%) ano (ver Gráfico 7).



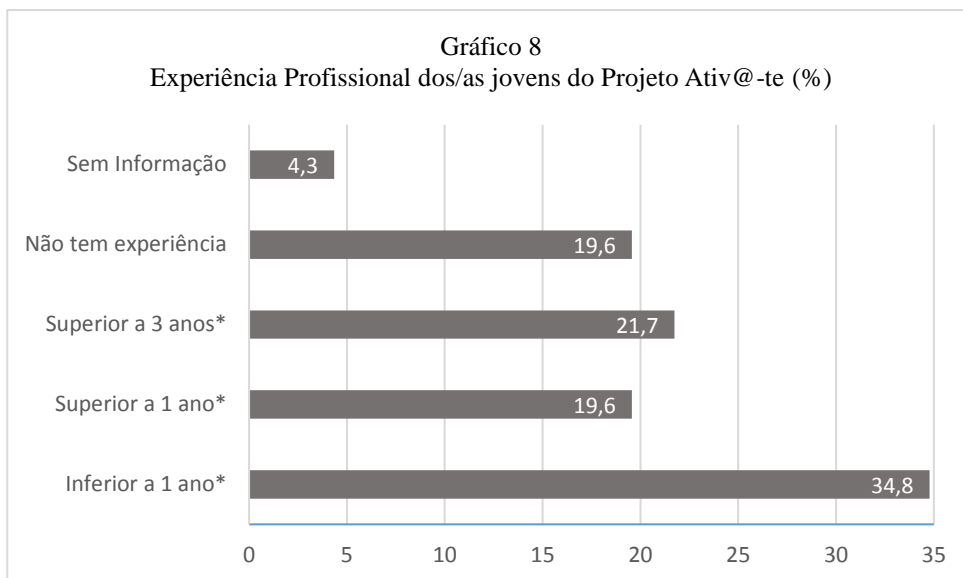


Estes/as jovens entraram no projeto, maioritariamente, por estarem desocupados (93.5%), e podem ter sido reencaminhados por outras estruturas ou por vontade própria. Os agregados familiares ou os/as próprios/as jovens, neste caso 29 (63%) recebem algum tipo de apoio ou subsídio social, principalmente o Rendimento Social de Inserção, Abono Familiar, Subsídio de Desemprego, Reformas, Cabaz alimentar, entre outros.

A estrutura familiar destes/as jovens é sobretudo nuclear, 56.5% ainda residem com os pais, podendo em algumas exceções ainda englobar no mesmo ambiente filho/a e companheiro/a, 15.2% tem uma estrutura monoparental e a mesma percentagem de jovens reside com o companheiro/a, nestas duas situações também se verifica a existência de filhos em coabitação. Em 22 indivíduos do sexo feminino, duas estiveram grávidas quando se encontravam no projeto e 7 já tinham sido mães anteriormente.

Dos 46 jovens, 14 (30.4%) têm os seus progenitores divorciados ou separados, a grande maioria, ou seja, 22 jovens (47.8%) ainda têm os seus progenitores biológicos juntos, porém 3 (6.5%) destes/as jovens, já tiveram de lidar com a morte de um dos seus progenitores. No entanto, não se tem informação sobre 7 dos jovens, que residem com os/as seus/suas companheiros/as ou filhos/as.

A maioria destes/as jovens tem experiência profissional, incluindo estágios, 34.8% é inferior a 1 ano, no entanto, 21.7% é superior a 3 anos. Porém, 19.6% não apresenta experiência profissional (ver Gráfico 8).



Deste modo, o perfil dos/as jovens NEET no projeto Ativ@-te consiste, maioritariamente, em jovens do sexo masculino, entre os 19 e 24 anos, de nacionalidade portuguesa, com o 12º ano de escolaridade. Que ainda moram em casa dos pais, recebem algum tipo de apoio ou subsídio social e têm pouca experiência profissional (inferior a 1 ano).

Em comparação, com o perfil exposto por Ferreira et al. (2017) (ver gráfico 5), o perfil dos/as jovens presentes no projeto é bastante diferente. O ponto comum é que a maioria dos jovens tem o ensino secundário. De resto, apresentam diferenças ao nível do sexo predominante e na média das idades. A diferença entre o número de jovens do sexo feminino e masculino é ligeira, porém contém mais jovens do sexo masculino que feminino e não o inverso, que era o que constava no primeiro perfil. Quanto às idades dos/as jovens, no projeto são inferiores, tendo-se, maioritariamente jovens entre os 19 e os 24 anos e não entre os 25 e 29 anos, como o perfil apresentava.

Algumas características e fatores que aumentam a probabilidade de ser NEET como o baixo nível de escolaridade, a monoparentalidade, a permanência na casa dos pais e o desemprego na família estão presentes nestes jovens. Assim como, jovens que têm algum problema de saúde física e mental, quer seja incapacidade, deficiência, problemas cognitivos ou de saúde mental, que segundo a Eurofound (2012) têm mais 40% de probabilidade de serem NEETs.

4.2. “Retratos Sociológicos”

A análise dos/as jovens NEET inseridos no projeto Ativ@-te confirma a heterogeneidade existente entre os NEET, pela existência das diversas situações que vivenciam e estão expostos, e as suas diferentes necessidades que devem ser tidas em conta quando se cria medidas para apoiar e orientar os NEET (Eurofound, 2012; Silva, 2015).

No entanto, o objetivo principal da construção dos “retratos sociológicos” é encontrar os pontos em comum entre estes/as jovens, de forma a compreender as suas vivências, ações (Silva & Machado, 2010) e principalmente o motivo de estes estarem numa situação NEET.

Tendo em conta as categorias estabelecidas previamente - problemas de saúde, infância, adolescência, escola, comportamentos desviantes e mercado de trabalho - construíram-se 5 percursos. Cada percurso tem particularidades e fatores específicos que os diferenciam. Não significa isto que as trajetórias dos/as jovens não se transversalizem pelos diferentes percursos, mas o que se procurou acentuar foi a partilha de fatores comuns que os colocam num percurso em detrimento de outro.

Os percursos que se identificaram, dentro dos 34 jovens selecionados, são: percurso escolar condicionado (11/34), percurso condicionado pela família (8/34), percurso linear positivo (7/34), percurso instável (4/34) e percurso condicionado por problemas de saúde física e mental (4/34) (ver quadro 1).

Foram selecionados apenas alguns retratos sociológicos para serem expostos como exemplificativos dos percursos em análise.

Quadro 1: Quadro-Síntese dos percursos identificados nos/as jovens NEET do Projeto Ativ@-te

Categories	Problemas de Saúde	Escola	Comportamentos desviantes	Família
Percurso Escolar Condicionado	X	-Reprovações; - <i>Bullying</i> ; -Indecisões de cursos; -Faltas; -Não gostar de estudar.	Nota: 1 dos jovens tem condutas desajustadas (fugir de casa)	Nota: A maioria não tem informação, o restante é bastante díspar, desde ausência, boa relação, a morte de um dos pais.
Percurso Condicionado pela Família	-Depressão; -Acompanhamento Psiquiátrico. (Nota: Posteriores ao problema familiar)	- <i>Bullying</i> ; -Reprovações; -Abandono Escolar; -Faltas.	X	-Separação dos pais; -Morte de um dos pais; -Doença de um dos pais; -Mudança de país.
Percurso Linear Positivo	X	-Percursos impecáveis; -Poucas ou nenhuma reprovação.	X	X
Percurso Instável	Nota: 1 dos jovens tem acompanhamento psiquiátrico, iniciou-se após este ser institucionalizado.	-Abandono Escolar; - <i>Bullying</i> ; -Condutas desajustadas; -Mudança de escolas; -Faltas.	-Condutas Desajustadas; -Comportamento Criminal; -Agressividade; -Violência; -Consumo de substâncias.	-Ausência, morte ou separação dos pais.
Percurso Condicionado por Problemas de Saúde Física e Mental	-Paralisia Cerebral; -Incapacidade Visual; -Problemas Cognitivos;	-Reprovações; -Difícil Adaptação; -Discriminação; - <i>Bullying</i> ; -Abandono Escolar.	X	-Boa/Instável relação familiar

4.2.1. Percurso Escolar Condicionado

O **percurso escolar condicionado** engloba 11 jovens, sendo esses a Alice (27 anos), Leonor (27 anos), Rui (28 anos), Diogo (24 anos), Rute (23 anos), Lucas (23 anos), Teresa (22 anos), Fábio (18 anos), Simão (29 anos), Anita (17 anos) e Fátima (18 anos). Este grupo é o mais díspar e o elo em comum são problemas no percurso escolar. Indecisões, *bullying*, reprovações, não gostar da escola e abandono. A escassez de informação sobre as circunstâncias pessoais ou familiares no período da infância e da adolescência são o inconveniente desta junção de jovens, pois podem existir momentos não divulgados que mudam as razões ou motivos do percurso escolar inconstante. Daí, a existência formal deste grupo e não a distribuição destes/as jovens pelos outros grupos, que têm as situações definidas. O nível de escolaridade é variado, desde o 6º ano ao 12º ano. A escola é o início da tomada de decisões para o futuro, a escolha do curso na passagem para o 10º ano, pode fazer toda a diferença na vida dos/as jovens e uma escolha

errada pode desanimar, confundir e adiar os objetivos, é o caso do Simão, que até ao 9º ano tinha boas notas e nunca tinha reprovado, mas *“no 10º ano, ingressou em científico, apesar do seu interesse ser desporto. Como reprovou, mudou para Humanidades, no entanto, correu mal e também reprovou. Abandonou a escola para trabalhar”*²⁵ e o caso de Alice que após uma troca de cursos no secundário, e ter uma gravidez não planeada aos 21, ingressou na universidade, mas desistiu, *“frequentou 1º ano e depois desistiu, porque preferia investir no trabalho”*.

A escola não consegue cativar todos os alunos da mesma forma, pelo que os/as jovens que não conseguem acompanhar o ritmo da matéria acabam por não querer estudar, nem gostar da escola, como o jovem Rui, *“com 12 anos, começou a reprovar mais, porque não queria estudar”*, a Teresa que tinha um percurso instável e não gostava de frequentar a escola e a Anita, porém esta jovem é um dos casos mais complexos, é a jovem mais nova do grupo com 17 anos e é a que tem a escolaridade mais baixa, o 6º ano, *“nunca gostou de estudar e teve sempre a ajuda dos professores”*, no entanto, reprovou na primária, 2 vezes no 5º ano e no 7º ano. Acabou por ser institucionalizada com 14 anos, *“por faltar à escola, sair à noite, não dormir em casa, para andar com 1 amiga”*, mas continuou a fugir e teve uma gravidez precoce, por volta dos 14/15 anos.

O *bullying* pode trazer consequências nefastas a um jovem e a superação pode demorar longos anos, como se irá ver no caso da Leonor, e da jovem Rute que foi vítima entre o 7º e o 9º ano, a mudança de turma na transição para o 10º ano, permitiu que as situações parassem, *“com 15, 16 anos, começou a jogar online, como forma de superar o bullying: encarnar 1 personagem e poder falar com as pessoas, (...), sem preconceitos, sem julgamentos”*, chegava a passar 6 horas por dia em frente ao computador.

A maioria destes jovens retrata que tem uma boa relação com a família, quer sejam, mães, pais, padrastos ou irmãos. Quanto à relação com o mercado de trabalho também é distinta, temos jovens que não têm experiência de trabalho, jovens que apenas efetuaram um estágio, términos de contrato, biscates.

A inserção destes/as jovens nos NEET acaba por estar intrinsecamente ligada com os términos de contrato e/ou estágios a que se soma a falta de objetivos para o futuro, com uma espécie de resignação à situação em que se encontram, e dificuldades devido à baixa escolaridade. Um dos exemplos é o Simão, *“abandonou a escola para trabalhar, mas tem dificuldades em conseguir trabalho porque não tem o 12º ano”*, jovens que não se

²⁵ Excertos retirados das Fichas de Acompanhamento, Encaminhamento e Integração e as Fichas de Caracterização Individual preenchidas pela Gestora do Projeto

adaptam às mudanças, como o Rui, que após 3 anos na mesma empresa, *“não se sentia bem porque deixou de exercer as mesmas funções no início”* e jovens que não gostaram da área ou não quiseram agarrar a oportunidade, um exemplo é a jovem Fátima, após o término do estágio e *“apesar de ter tido oportunidade de trabalhar no local, depois não se interessou”*.

Caso da Leonor

Nasceu em 1993, tem o 10º ano e nacionalidade portuguesa. Reside com os progenitores, ambos empregados e o irmão, ainda estudante. Na sua infância, mudou diversas vezes de cidade, porém sempre estudou no Porto. Foi vítima de *bullying* entre o 5º e 9º ano, e os efeitos mostraram-se com o reprovar de ano, *“reprovou no 9º ano. Tinha dificuldades na escola, devido ao isolamento que se remeteu, e engordou mais nessa altura”*. O 10º e 11º anos, não foram mais fáceis, as dificuldades na escola mantiveram-se, uma vez que as situações vivenciadas a desmotivaram, *“contou aos pais, no 9º ano, que não queria ir às aulas porque era vítima de bullying”*. Posteriormente, ingressou num curso técnico, tinha já 22 anos, mas acabou por desistir para ir trabalhar, ficou um ano nesse sítio, *“onde desempenhava todo o tipo de tarefas”*, e trocou por outra empresa, após um ano e meio, *“foi demitida porque refere ter reivindicado direitos”*.

4.2.2. Percurso Condicionado pela Família

O **percurso condicionado pela família**, e como o próprio nome indica, engloba percursos de vida em que em algum momento, ou numa determinada fase, aconteceu alguma situação ou problema envolvendo familiares, que teve consequências diretas no/a jovem e afetou o seu crescimento e o seu percurso escolar.

Conseguiu-se encaixar neste percurso, 8 jovens, sendo esses a Ângela (24 anos), Mafalda (23 anos), Débora (27 anos), Beatriz (22 anos), Sara (21 anos), Vitória (27 anos), Camila (25 anos) e Matilde (28 anos). As situações ou problemas familiares aconteceram maioritariamente no período da infância, embora exista exceções, que decorreram na adolescência, ou seja, a separação dos pais, a morte dos progenitores, mudanças de país, agressões e tratamentos de forma desigual tiveram repercussões nas jovens.

A separação dos pais foi uma fase complicada para a Ângela, a Matilde e a Camila, inclusive esta última menciona que “*reprovou no 8º ano, por causa dos problemas familiares (divórcio dos pais)*”, inclusive teve apoio de uma psicóloga para ultrapassar essa situação, numa fase mais posterior a Débora teve os mesmos problemas que influenciaram no seu percurso escolar, de forma similar, esta jovem acabou por desenvolver problemas de saúde mental, nomeadamente a depressão, como se irá ver na análise desta jovem. Outra das jovens que necessitou de acompanhamento psicológico foi a Sara, após a morte do seu progenitor, por suicídio.

A maioria destas jovens tem o 12º ano, a Débora tem o 10º ano, a Beatriz o 9º ano e a Matilde o 7º ano, têm um percurso escolar problemático, com situações de *bullying*, reprovações e indecisões. Metade destas jovens foi vítima de *bullying*. No caso da Vitória a mudança de país propiciou uma fase complicada, “*integração em (...) foi complicada, porque era tímida e tinha dificuldade em falar com os colegas. Vítima de bullying, o que complicava a sua aprendizagem*”. Por sua vez, a Beatriz, deixou de estudar no 7º ano, pois faltava muitas vezes à escola e nessa altura, já teria reprovado 3 ou 4 vezes, no entanto mais tarde tirou um curso de equivalência ao 9º ano.

O retomar os estudos também foi uma opção de Ângela, após abandonar o 11º ano, “*10º ano – vai para ciências, mas não gostava da área. Repetiu o 11º ano, para melhorias, mas como não conseguiu, (...) decidiu esperar algum tempo, para perceber o que gostava de fazer*”. O abandono escolar também foi uma decisão da Matilde, mas em moldes completamente diferentes, foi mãe cedo, aos 16 anos, no entanto deixou de estudar para cuidar do pai que adoeceu e acabou por falecer algum tempo depois.

A experiência destas jovens no mercado de trabalho é ligeiramente distinta, temos 3 jovens que vieram do estrangeiro, que por diversas razões, tiveram de regressar a Portugal, no entanto, a Vitória e a Camila já tiveram empregadas em Portugal, a primeira saiu por motivos pessoais e a segunda foi demitida na mudança de gerente. No mesmo sentido, temos jovens já com alguma experiência no mercado de trabalho que saíram por termos de contrato, instabilidade e por falhas na entrega da documentação, é o caso da Matilde, que após 8 anos de serviço, “*esqueceu-se de entregar a baixa 1 dia e foi demitida*”. Assim como temos jovens com pouca experiência de trabalho, nomeadamente estágios e voluntariado, coincidentemente ou não, estas jovens têm algum problema de saúde.

Serem jovens NEET tem a ver com o descrito anteriormente, as jovens que têm algum problema de saúde e não se encontram num estado mental favorável, têm menos

tendência para a procura de emprego face à sua situação, depois temos jovens com uma vasta experiência, mas por algum fator acabam por ser despedidas e se encontram no desemprego e jovens que regressaram a Portugal e ainda não conseguiram encontrar um rumo.

O caso da Débora

Jovem de 27 anos, filha única, que reside com a progenitora, com o 10º ano e tem nacionalidade portuguesa. Cresceu com os seus avós maternos e os pais, dos quais tem uma relação muito próxima. Aos 8 anos, muda-se para uma residência social. Foi vítima de bullying no 5º ano, mas neste caso, a escola interveio e conseguiu amenizar a situação com a mudança de turma. A grande reviravolta na vida desta jovem começa quando a mesma descobre a relação extraconjugal do pai, esta situação influenciou as suas notas na escola, *“a partir do 8º ano, começou a ter notas mais baixas porque descobriu que o pai tinha 1 relação extraconjugal e a (Débora) contou à mãe”*. Esta situação serenou com a promessa de acabar com a relação fora do casamento, mas após um conflito quando a jovem tinha 18 anos, *“pai embebedou-se, foi agressivo com a filha e a mulher e saiu de casa. Quando regressou comunicou decisão de separação”*. Pouco tempo antes, aos 17 anos, a Débora foi diagnosticada com depressão, *“acompanhada no Hospital de S. João por psiquiatras, por depressão. (...) Diagnosticada com 17 anos (comia pouco, não dormia, passava o tempo no computador)”*. Estes momentos de disrupção continuam quando a sua avó materna falece, a Débora acaba por abandonar a escola, *“desistiu da escola (estava há 3 anos a tentar concluir o 11º ano)”*, posteriormente acaba por ingressar em dois cursos, mas acaba por desistir dos mesmos. No mesmo ano, recebe a informação de que o seu pai vai para fora do país, com a mulher que com tinha traído a mãe e no regresso de ambos, revelam-lhe que vai ter um irmão. A sua experiência profissional é quase inexistente, esteve a trabalhar voluntariamente num salão de um tio, mas acabou por perder o interesse e desistir.

O caso da Sara

A jovem tem 21 anos, o 12º ano, nacionalidade portuguesa e reside com a mãe, o irmão e a avó materna. Ainda em tenra idade, nomeadamente aos 3 anos, o seu pai acaba com a própria vida, circunstância que é remexida até ao momento, pois menciona que *“descobriu recentemente a verdadeira causa da sua morte”*. Recebe um acompanhamento psicológico desde os seus 6 anos, apesar de ter parado este acompanhamento, retomou-o após uma tentativa de suicídio, *“tentou enforçar-se, após discussão com a mãe”*. O seu percurso escolar foi problemático, foi vítima de bullying e só se sentiu verdadeiramente integrada numa turma a partir do seu 10º ano, *“gostou mais desta escola porque fez amigos que a aceitavam tal como era, sem julgamentos”*. Tem uma boa relação familiar, com o seu irmão, o padrasto e considera *“a mãe a melhor amiga”*.

A sua integração no mercado de trabalho também é escassa, a única experiência que conta é o estágio efetuado no seguimento da via profissional do ensino, que culminou com o término do mesmo. Similarmente, a mãe e o irmão encontram-se desempregados.

4.2.3. Percurso Linear Positivo

No **percurso linear positivo** enquadram-se 7 dos 34 jovens, sendo estes João (24 anos), Filipa (26 anos), António (19 anos), Vanessa (20 anos), Avelino (25 anos), Afonso (20 anos) e Dinis (19 anos). Todos os jovens deste grupo tiveram um percurso escolar positivo e com aproveitamento, pois concluíram a escolaridade obrigatória atualmente (12º ano), apenas um destes jovens tem indicação de ter reprovado, já numa fase final do seu trajeto escolar. A escolha de transitar para o ensino superior revelou-se frustrante para o António e o Afonso, uma vez que não conseguiram entrar pela média que possuíam ou a falta de uma disciplina, porém o João, a Filipa e a Vanessa entraram no ensino superior mas acabaram por desistir para começarem a trabalhar.

A família é vista como um pilar, pois a maioria destes/as jovens tem os seus progenitores inseridos no mercado de trabalho e retrata ter uma boa relação com estes.

Já a permanência destes/as jovens no mercado de trabalho é dificultada pelas condições que o mesmo proporciona, todos/as estes/as jovens têm experiência laboral, com mais ou menos período de tempo, mas encontram-se na situação de desemprego pelo

término de contrato ou estágios ou pelas condições do emprego, o que causa a situação NEET em que se encontram. A Vanessa e o Dinis, cujos retratos se encontram de seguida, são exemplos do que foi mencionado.

O caso da Vanessa

Nasceu em 2000 e tem nacionalidade portuguesa. Reside com os progenitores e uma irmã, mas foi criada pelos avós paternos. A relação com os progenitores sempre foi complicada, devido às discussões entre ambos, no entanto mantém-nos como figuras de referência e tem uma boa relação com a irmã e com os avós. Sempre gostou de ir à escola, optou por seguir um curso profissional no 10º ano e posteriormente ingressou na universidade, *“entrou para a universidade ..., mas abandonou para ir trabalhar”*. A sua experiência profissional inicia-se com um estágio, que finda após o tempo estipulado, seguido de outro estágio mais reduzido, que termina pela falta de trabalho. O seu último emprego foi numa loja como vendedora em que não existiu uma renovação do contrato. Os seus progenitores encontram-se inseridos no mercado de trabalho e a Vanessa tem como objetivo futuro abrir um negócio próprio.

O caso do Dinis

Nasceu em 2001, tem nacionalidade portuguesa e sempre residiu em Águas Santas. Filho único e tem uma boa relação com a família. É um jovem responsável, que *“manteve um percurso escolar bem sucedido, nunca reprovou e tirou boas notas”*. Seguiu a vertente profissional no secundário, onde efetuou um estágio de 2 meses, mas o seu primeiro contacto com o mercado de trabalho ocorreu no ano anterior, nas férias de verão e terminou com o início das aulas. Os seus progenitores estão empregados e não recebem qualquer tipo de subsídio.

4.2.4. Percurso Instável

O **percurso instável** expõe trajetórias de vida vulneráveis e instáveis socialmente, traçadas pelo amontoado de fatores e eventos negativos, nomeadamente em contexto familiar, escolar, no mercado de trabalho e a existência de comportamentos desviantes e desajustados por parte de todos os jovens. Neste grupo encontram-se 4 dos 34 jovens que são o Tiago (19 anos), Mário (19 anos), Rafael (18 anos) e Guilherme (20 anos), todos

estes jovens vivenciaram situações infelizes ainda em tenra idade, com a separação, ausência ou a morte de um dos progenitores.

A escola para estes jovens é algo negativo, pois o seu percurso escolar caracteriza-se por reprovagens, abandono escolar e condutas desajustadas. A saída precoce e o abandono escolar são indicadores da baixa qualificação neste grupo, uma vez que o Mário e o Guilherme têm o 9º ano, o Tiago o 6º ano e o Rafael o 5º ano. Os grupos de pares, a fraca atratividade dos cursos, situações de *bullying* como ofensor ou vítima, condutas desajustadas e comportamentos agressivos para com professores, colegas e a instituição de ensino foram alguns dos acontecimentos propiciadores para a saída precoce da escola. No caso do Rafael, verificou-se uma frequente falta às aulas, mesmo após diversos reenaminhamentos entre escolas e cursos, situações que não foram aproveitadas pelo jovem.

Os comportamentos desviantes e desajustados são diversos, desde o tráfico de droga, agressões em grupo, furtos, consumo de substâncias, faltas de respeito aos pais e professores, inclusive situações de agressividade. Em metade dos jovens não existe indicação de que estes comportamentos se mantenham atualmente, inclusive Tiago referiu à coordenadora do projeto “*que atualmente não tem esse tipo de comportamentos*”. No entanto, a situação com os jovens Mário e Rafael é diferente, uma vez que o seu discurso indicou a presença de comportamentos deste género quando avaliados para a entrada no projeto.

As consequências destes comportamentos podem ser devastadoras, não só para o jovem como para a sua família, e a decisão de tentar colocar o jovem num rumo, pode surtir efeitos contrários, como um agravamento das situações, como no caso do Mário que devido às suas condutas desajustadas foi colocado num colégio, em regime de acolhimento, durante grande parte da sua adolescência, existindo indicação que se tornou mais agressivo e frustrado com a sua permanência no colégio.

Este agravamento da agressividade e frustração dos jovens por se sentirem injustiçados é um fator determinante e prejudicial na trajetória de vida destes jovens, como se irá ver no caso do Guilherme.

O baixo nível educacional e o desinteresse na aprendizagem proporcionam um défice nas habilidades e qualificações sociais, assim como a falta de objetivos e motivações para o futuro. Metade destes jovens não tem experiência no mercado de trabalho, a restante metade tem experiências precárias, de curta duração, com uma

frequente alternância entre empregos, com a justificativa de não terem gostado da experiência.

O caso do Mário

Nasceu em 2002, tem o 5º ano de escolaridade e tem nacionalidade portuguesa, reside com a progenitora, o padrasto e 3 irmãos. Os seus progenitores separaram-se quando tinha 3 anos, mas mantém contactos esporádicos com o progenitor, existe a alusão que nunca foi uma criança fácil desde a sua infância, *“diz que a mãe lhe batia porque se portava mal; fugia de casa e da escola”*. O seu percurso escolar é controverso, teve diversos reencaminhamentos entre escolas e cursos, mas continuava a faltar às aulas e apresentava comportamentos desajustados como partir os vidros da instituição escolar. O relato de comportamentos deste género é contínuo, *“verbaliza muitos episódios de violência, situações frequentes de consumo de álcool, já consumiu haxixe. Relatou uma situação de furto,..”*.

Estas situações também escalaram para o meio familiar, pois uma das suas irmãs, que não reside com o mesmo, tem uma denúncia contra o jovem por agressão. No processo do Mário, não consta nenhuma informação sobre alguma vez ter estado inserido no mercado de trabalho, mas é descrita uma situação de furto a uma empresa em que esteve inserido, mas não se tem informação em que moldes se encontrava.

As ações deste jovem retratam um percurso problemático até ao momento, e as suas ações não parecem predizer uma mudança em breve, pois já após a sua entrada no projeto, e ainda com 17 anos, informa que irá ser pai, mas em posterior conversa com a progenitora alguns sinais de alerta dispararam, quando a mesma menciona que este, *“por vezes, trata mal a namorada, que a insulta e diz que a acusa de que a criança não é filho dele. (mãe) justifica este comportamento quando ingere álcool”*, para além de no início a coordenadora assinalar que o mesmo *“diz que, quando parte vidros, se sente bem”*.

O caso do Guilherme

Tem o 9º ano, nasceu em 2000 e tem nacionalidade portuguesa, a situação é ligeiramente diferente, o seu pai faleceu, este ainda era bastante jovem e esse momento acabou por ter um forte impacto no resto do seu crescimento e na sua perspetiva de vida, pois após este momento foi institucionalizado, *“com 6 anos, o pai faleceu e foi institucionalizado na (...), juntamente com o irmão, (...) e a irmã, (...) sendo que, segundo o jovem, as técnicas alegaram que a mãe não tinha condições de habitabilidade para ter os filhos”*, onde permaneceu até aos 18 anos. Atualmente reside com mãe e o irmão, relação com a mãe é instável.

O Guilherme descreve a situação que vivenciou com revolta e frustração, sendo que recebe acompanhamento psiquiátrico e medicação desde os 11 anos, relata que com o passar do tempo se foi tornando mais agressivo. *“Durante este período, o jovem foi desenvolvendo comportamentos agressivos, já que não gostava de estar na instituição, tendo, também aí, começado a fumar tabaco e a beber álcool (refere nunca ter consumido substâncias ilícitas)”*, consumo tornou-se mais frequente a partir dos 16 anos. Para além destes comportamentos, existiram duas tentativas de suicídio, *“irmão evitou que se atirasse para a frente de 1 comboio - por causa do ambiente”*.

Sobre o seu percurso escolar a informação é escassa, mas após o 9º ano, seguiu a vertente profissional, porém não gostou da área e acabou por faltar imensas vezes. A sua situação profissional inicia-se com um estágio de média duração, e a sua última experiência, de curta duração, segundo o Guilherme termina devido a problemas pessoais, *“grupo de pares que não aceitava que ele trabalhasse”*.

4.2.5. Percurso Condicionado por Problemas de Saúde Física e Mental

Por último, o **percurso condicionado por problemas de saúde física e mental** contém 4 dos 34 jovens, sendo esses o Marco (31 anos), o Francisco (21 anos), a Marta (26 anos) e o Nelson (24 anos), estes jovens têm ou tiveram alguma circunstância, não gerada por estes, como deficiência física, problemas cognitivos e acidentes, que os condicionou e lhes trouxe dificuldades no seu percurso escolar e no mercado de trabalho. A baixa autoestima, as inseguranças, a baixa escolaridade, as limitações e a frustração perante essas limitações ou dificuldades são alguns dos motivos pelo qual estes/as jovens se encontram em situação NEET.

Este grupo apresenta diversos níveis habilitacionais, o Marco e a Marta têm o 9º ano, o Francisco o 12º ano e o Nelson o 7º ano. O ambiente escolar não foi fácil para a maioria destes/as jovens, com a existência de reprovações (o Nelson foi o único jovem a não reprovar), *bullying*, discriminação, rejeição por parte dos colegas e da instituição escolar. Problemas na adaptação às escolas atingiram, principalmente, o Marco ao qual proporcionou a reprovação de diversos anos, *“fez o percurso escolar na escola normal até ao 9º ano, tendo ficado retido alguns anos para adaptação”* e o Francisco que não se adaptou a uma das escolas que frequentou e foi rejeitado por outras que alegaram não ter condições de receber o jovem, *“no 9º ano, queria ir para Artes, mas nas escolas onde estive para se inscrever não o aceitavam porque não tinham condições para o receber e lecionar”*, todavia este jovem frequentou a universidade, mas acabou por desistir, *“gostava da área, mas era muito exigente”*.

A família, na maioria destes/as jovens, tem um papel importante e consiste em relações positivas, quer com pais, mães, irmãos ou avós. O Francisco é o único que refere ter uma relação conflituosa com o padrasto, mas uma boa relação com a mãe, *“considera que o padrasto tem uma atitude injusta em relação a ele”*. A Marta tem um histórico familiar ligeiramente diferente, provém de uma família extensa e casou relativamente cedo, tinha 16 anos, mas foi um casamento de curta duração e a jovem nunca trabalhou.

Os/As restantes jovens tiveram experiências profissionais, desde estágios, voluntariado, empregos precários e mal remunerados. O período de estágio não originou um vínculo do estagiário à empresa, no entanto ocasiona uma oportunidade de explorar diversas áreas, a fim de esclarecer os objetivos futuros para um emprego.

O caso do Nelson

Nasceu em 1995, tem o 7º ano e nacionalidade portuguesa. Devido aos hábitos da progenitora, que era toxicodependente, nasceu com problemas cognitivos, é asmático e tem compulsões. Após, o seu nascimento esteve numa instituição até ser adotado, por volta dos 2 ou 3 anos. É um jovem mais recatado e reservado, com dificuldade em socializar com outros jovens, estas características tiveram consequências ao longo de todo o seu percurso escolar, “*Sofreu de bullying, desde que entrou na escola até ao abandono. Abandonou a escola cedo, mas nunca reprovou*”. São estas situações, que tornam necessária e importante a atenção e a tomada de decisões das escolas e professores, para eliminar ou minimizar estes comportamentos por parte de outros jovens. A falta de ação e intervenção por parte da escola permitiu que este jovem chegasse ao seu limite e abandona-se o ensino. Mais tarde, ingressou num curso com equivalência ao 9ºano, o qual não concluiu, mas teve a oportunidade de estagiar num empresa, situação que não correu tão bem quanto o esperado, pelas constantes ligações e contactos por parte da namorada, também inserida neste projeto. Tem uma boa relação com os pais, principalmente com o pai, este encontra-se reformado e a mãe está empregada.

CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise do percurso destes 34 jovens reflete a diversidade de situações que o termo NEET engloba. Não existe uma única razão para um/a jovem não estar a estudar, a frequentar formações ou a trabalhar, o que vai ao encontro do estudo da Eurofound (2016), que estabelece 7 categorias dos NEET para tentar compreender a sua heterogeneidade e motivo pelo qual se encontram em situação NEET. São categorias amplas e identificam o fator principal pelo qual o/a jovem não se encontra no mundo do trabalho. Contudo, estas 7 categorias estão vocacionadas para abordar a integração e a ocupação dos/as jovens NEET e as categorias estabelecidas nesta investigação têm em conta outras variáveis e focam em aspetos mais pessoais dos/as jovens e dos seus percursos de vida.

Os retratos sociológicos destes/as jovens demonstram que tanto fatores familiares, como situações na escola e as condições que o mercado de trabalho proporciona são potenciadoras da situação em que os/as jovens se encontram. A maior parte das vezes não é um único fator, mas sim uma conjugação de fatores, pois a maioria dos/as jovens analisados tinha mais de um fator de risco. Como indica a Eurofound (2006) e o Furlong (2006), os NEET têm tendência a acumular desvantagens.

Segundo vários estudos (Eurofound, 2012, 2016; Holmes et al., 2019; OECD, 2016; Rowland et al., 2014; Silva, 2015; Torres & Lima, 2014), a educação é um fator protetor, porém, o desinteresse e o abandono escolar são fatores de risco com grande impacto nas habilidades e qualificações sociais (Eurofound, 2015). Um dos pontos inquestionáveis, nestes/as jovens NEET, é que a maioria teve problemas na escola, quer através de reprovações, absentismo, *bullying* e casos de violência e agressividade, fatores que motivam o abandono escolar e restringem a obtenção da escolaridade obrigatória.

As reprovações e o *bullying* ocupam uma grande parte da fatia do conjunto de problemas na escola e tiveram grande influência no percurso escolar destes/as jovens. Apesar da maioria ter a escolaridade obrigatória o 12º ano, os casos em que estes fatores tiveram um impacto mais forte, por diversos motivos, acabaram mesmo por abandonar a escola.

O *bullying* traz consequências nefastas às suas vítimas, tanto no momento em que ocorre, como a pode acompanhar para o resto da sua vida. O *bullying* é um fator preponderante para a queda de rendimento, a baixa autoestima, dificuldade na aprendizagem, dificuldades em relacionamentos interpessoais e isolamento. Qualquer um

destes fatores ou a dinâmica entre eles, podem levar a que o aluno falte às aulas, mude de escola, reprove e sobretudo abandone a escola. No entanto, os efeitos deste tipo de comportamento, a longo prazo, são preocupantes, podendo ter atitudes de “vingança, agressividade, impulsividade, hiperatividade, inadequação, exclusão, ansiedade, depressão, estresse, vergonha, medo, timidez, confusão, vulnerabilidade, além do que podem haver bloqueios do pensamento e raciocínio” (Guareschi & Silva, 2008 as cited in Benetti et al., 2010, p.101). Também podem apresentar comportamentos agressivos, abuso de substâncias e reprodução de comportamentos, ou seja, poderá se tornar um *bully*. Um sinal alarmante para o futuro destes jovens é que podem voltar a ser vítimas deste tipo de comportamento, no seu ambiente de trabalho (Fante, 2008 as cited in Benetti et al., 2010).

A massificação do ensino põe de lado jovens com dificuldades de aprendizagem e acaba por comprometer o envolvimento destes no mundo escolar, pois proporciona reprovações, desmotivação, desinteresse e insucesso escolar (Guerreiro & Abrantes, 2007; Pais, 1996, 2016; UNESCO, 2004).

A educação, como fator protetor, demonstrou a sua força nos casos em que houve um apoio da escola e dos professores, que se reflete nos percursos traçados por esses/as jovens, com a intervenção e a resolução dos diversos problemas, como a mudança de turma. Segundo Guerreiro e Abrantes (2007) o esforço pessoal, o apoio familiar, o envolvimento de certos professores e atividades específicas, podem-se traduzir num percurso escolar positivo. Porém, este apoio não foi do agrado de todos/as os/as jovens. Houve quem não gratifica-se todo o apoio e motivação que lhes foi fornecido, por não se sentir enquadrado no ambiente escolar, ou preferir andar com o seu grupo de pares.

A família surge também como um elemento importante. A maioria destes/as jovens (56.5%) reside com os seus pais, relata uma boa relação com os seus familiares, mas nem todos os ambientes familiares são iguais. Por exemplo, segundo o estudo da Eurofound (2012), ter pais divorciados aumenta em 30% a probabilidade de ser NEET, e vivenciar o desemprego dos pais aumenta em 17%. A informação sobre a vida profissional dos pais dos/as jovens do projeto é escassa, porém sabe-se que 30.4% destes/as jovens têm os seus progenitores divorciados ou separados. Um dado que mereceria maior aprofundamento em estudos futuros.

As situações familiares, principalmente os conflitos, demonstraram ter um forte impacto nos/as jovens, nomeadamente quando estes tiveram envolvimento direta no problema, como o divórcio dos pais, descobrir que lhe mentiram, entre outras situações.

Em certos casos este conflito prolongou-se no tempo, o que arrastou esse período negativo dos jovens, que ainda sofrem os efeitos.

O ambiente familiar é preponderante quando existe uma entreeajuda, motivação e apoio, pois consegue contribuir para o sucesso do jovem no período escolar. As regras e as normas educativas implementadas pelos pais também têm influência nesse período, pelo que é importante perceber se a dinâmica familiar destes/as jovens é favorável ou prejudicial para o seu percurso (Eurofound, 2012, 2016; Holmes et al., 2019; OECD, 2016; Rowland et al., 2014; Silva, 2015; Torres & Lima, 2014). Não conseguimos obter esta informação nos dados do projeto, mas seria interessante e ajudaria a perceber a totalidade do percurso dos jovens.

A duração do percurso escolar tem sido mais longa e está associada ao tempo de entrada no mercado de trabalho que acontece, cada vez mais tarde (Eurofound, 2012; Ferreira et al., 2017; Guerreiro & Abrantes, 2007; Pappámikail, 2010; Silva & Machado, 2010). Ou seja, quanto mais tempo se permanece a estudar, mais tarde se entra no mercado de trabalho. No entanto, o facto de se trabalhar e estudar ao mesmo tempo configura uma exceção a esta regra. Esta situação é cada vez mais frequente, inclusive se verifica em inúmeros percursos analisados (Silva & Machado, 2010).

Nos/as jovens do projeto Ativ@-te, identificaram-se muitos casos de abandono escolar precoce e escassa ou nenhuma experiência no mercado de trabalho. Alguns/mas destes/as jovens apresentam a dualidade de não conseguirem arranjar emprego porque não têm os estudos necessários, mas também não se conseguem encaixar novamente no ambiente escolar. Outros há que ainda não exploraram o mundo de trabalho, para além dos “biscates” que iam conseguindo fazer. Segundo os dados do projeto, cerca de 20% dos/as jovens não tem experiência profissional e, dos/as que têm, 35% tem menos de 1 ano de experiência.

Sabemos que as fracas qualificações restringem a hipótese de escolha no mercado de trabalho, estando sujeitos a profissões mais precárias, sem condições e mal pagas (Silva e Machado, 2010). Por regra, os jovens já encontram alguma dificuldade na entrada para o mercado de trabalho (Guerreiro & Abrantes, 2007; Guerreiro et al., 2007; Pais, 2016), mas existem condições que conseguem agravar esta situação como, por exemplo, a não renovação contratual. Outro fator interessante seria tentar perceber porque a maioria dos jovens que realizaram um ou vários estágios, não conseguiram ficar na empresa do estágio ou não utilizaram as ferramentas criadas nessa experiência como algo vantajoso.

Foi o estágio que não estimulou, foi a empresa que recusou o/a jovem, ou foi por decisão do/a próprio/a jovem.

Existem circunstâncias, não inerentes aos/às jovens, que podem condicionar ou dificultar o seu percurso, como a deficiência física, problemas cognitivos e acidentes, como demonstrado no percurso condicionado por problemas de saúde física e mental, estes casos precisam de uma “maior” atenção por parte das escolas e do mercado de trabalho, pois já a literatura indica que ter alguma doença ou possuir alguma deficiência aumenta em 40% a probabilidade de ser NEET (Eurofound, 2012).

A saúde mental é fundamental para o desenvolvimento do ser humano. A doença mental torna o indivíduo vulnerável, e é um dos maiores riscos para um/a jovem se tornar NEET (Holmes et al., 2019). O grupo de jovens NEET do projeto Ativ@-te apresenta alguns casos, em que se verifica este facto, principalmente através de depressões ou jovens que têm acompanhamento psiquiátrico. Mas este risco aumenta quando se menciona os jovens, Sara e Guilherme, estes dois jovens já tiveram numa espiral descendente tão grave que os fez tentar se suicidar, sobretudo o Guilherme com duas tentativas de suicídio.

Os/As jovens do projeto Ativ@-te têm consciência deste aspeto, pelo que destacam que o projeto lhes permite experiências em que podem evoluir, como *“A dos psicólogos que nos ajudam a trabalhar competências não é, e também a adquirir outras coisas, para que a gente futuramente, (...) e também recentemente podemos aplicar no nosso dia a dia”* (Alice), e gerir as suas emoções, como volta a mencionar a Alice: *“Uma pessoa se sentir inútil, sentir chateada, frustrada pode levar a uma depressão se não for. Sim porque por exemplo se não temos nenhuma ocupação vamo-nos sentir assim”*.

Estes/as jovens referem que o projeto tem sido muito útil nas suas vidas, que lhes permite estar com pessoas que passaram por más experiências, que tiveram problemas e experiências semelhantes, sem serem julgados. A união, a criação de novas amizades, a mudança ao nível do comportamento, a postura, o respeito pelos outros e o desenvolvimento de competências, como a autoconfiança, a autoestima e o autoconhecimento, são pontos fortes que o projeto lhes está a transmitir. Que se não estivessem envolvidos neste projeto, estariam a passar o seu tempo livre, com os/as amigos/as, a fazer “asneiras”, a dormir ou em atividades como futebol.

Neste sentido, o projeto para estes/as jovens é uma ocupação, que lhes permite realizar diversas atividades e experiências, e sobretudo, os ajuda. A intervenção da Gestora do projeto parece surgir como fundamental para que isto aconteça, uma vez que

mantém uma intervenção “one-to-one”. Como refere a Alice: *“Há sempre uma orientação, um apoio da parte dela para connosco e sempre uma vontade a perguntar se está tudo bem connosco, sempre preocupada, eu acho que é isso, uma das coisas mais importantes, (...) a orientação e o apoio”*. Ou, nas palavras do Diogo:

“...não lhe vou dizer que fazia muitas asneiras, mas ia no erro do amigo (...) a Doutora Liliana por acaso é uma pessoa espetacular, (...) está sempre a ligar, é um bocadinho chata (...) mas ela só liga para o bem das pessoas, pra nós estarmos aqui presentes nestas sessões pra mais para a frente para sermos alguém na vida, ou seja, tanto a empregabilidade como em ser, como noutros casos, ou seja pai ou mãe”.

Na análise dos jovens NEET do projeto Ativ@-te, sem contar com todos os fatores que os dividem, nota-se uma maior discrepância dos/as jovens do percurso *linear positivo* com os restantes, uma vez que quase nenhum dos/as jovens deste grupo teve problemas na escola, quer seja de ambiente ou reprovações, e as que existiram foram num período mais tardio.

Neste sentido, quando comparado com os/as outros/as jovens, verifica-se que existem várias formas de um/a jovem ser NEET. Um percurso mau a nível escolar, não é indicador que um/a jovem vá ser NEET, assim como um percurso escolar com aproveitamento quer dizer que esse/a jovem não vá ser NEET. Aqui se vê que cada jovem deve ser avaliado consoante o seu percurso de vida e as suas vivências, e que fatores familiares, escolares, problemas de saúde, comportamentos delinquentes e o mercado de trabalho podem ter influência por si só, ou em conjunto com outros fatores.

Estar na situação NEET dificulta a emancipação de um jovem, adiando a saída de casa dos pais, a obtenção de casa própria e a constituição de família. O facto de não ter emprego, não estar instável a nível financeiro e não ter salário restringe a possibilidade de conseguir pagar uma renda e obter os bens necessários para a sua sobrevivência.

A constituição de família é um ponto sensível, especialmente para as jovens do sexo feminino presentes no projeto, que conta com nove jovens já com filhos. Estas jovens tiveram o primeiro filho em idades bastante variadas – entre os 14/15 anos e os 25/26 anos - estando estas em etapas distintas da sua vida e algumas não se encontravam em situação NEET. Verificou-se, também, que algumas destas jovens apresentaram dificuldades em estar presentes em algumas atividades por não terem a quem deixar os

seus filhos. O que nos deixa a hipótese de este ser um dos motivos para o facto de o número de jovens do sexo feminino ser inferior ao do sexo masculino, contrariando as conclusões de outros estudos (Eurofound, 2016; Ferreira et al., 2017; Torres & Lima, 2014).

CONCLUSÃO

Esta investigação pretendeu dar a conhecer o que é ser um jovem NEET, tentar refletir nas suas trajetórias de vida, de forma a compreender os principais fatores de risco que leva um jovem a não estar inserido na escola, no mercado de trabalho e em formação. Como pudemos perceber, ao longo deste trabalho, o fenómeno NEET é de grande complexidade e pluralidade. É a conjugação de fatores de ordem individual, familiar, escolar e as condições do mercado de trabalho que são propiciadoras da condição de jovens NEET.

A caracterização familiar destes/as jovens é diversa e vai desde as boas relações familiares, a relações disfuncionais, problemáticas, inclusive situações que causaram problemas nos/as jovens e tiveram consequências nefastas nas suas trajetórias de vida.

A escola surge também como um problema para a maioria destes/as jovens, existindo dificuldades em todos os sentidos. A caracterização escolar retrata a complexidade deste sistema de ensino, que não consegue acompanhar os/as jovens que apresentam mais dificuldades, quer seja a nível de inserção, a nível de aprendizagem, motivação e problemas de violência ou agressividade, o que acaba por dificultar o seu sucesso escolar. O *bullying* e as reprovações estiveram presentes na maior parte das experiências destes/as jovens e demonstraram ter um papel fundamental na sua construção individual. Os/As jovens que não conseguiram ultrapassar essa fase ainda apresentam sequelas e mazelas desses comportamentos destrutivos por parte de outros/as jovens.

A caracterização profissional, por seu turno, reflete a vulnerabilidade do mercado de trabalho às crises económicas, que espoleta o desemprego juvenil, o emprego precário e temporário. A recuperação do mercado do trabalho estava a conseguir diminuir a taxa de NEETs, no entanto, com a situação da pandemia do COVID-19 é previsível que o número dos jovens NEET volte a disparar novamente, nos próximos anos.

A construção de perfis sociais revelou, na sua diversidade, que é importante dissociar do fenómeno NEET o perfil do/a jovem com baixa escolaridade. Dos/as jovens analisados, a maioria tem o 12º ano, tendência gradual que se vai demonstrar com a implementação da escolaridade obrigatória. Um dado importante é que a idade dos/as jovens deste projeto é mais baixa do que o apresentado em outros estudos que indicam que a taxa mais elevada de jovens NEET se encontra numa idade mais tardia. Sendo este um estudo de caso, não se pretende a generalização dos dados, mas pode ser um indicador

interessante de análise para o futuro. Já o número de jovens mais velhos que apresentam escassa experiência no mundo profissional e baixo nível de escolaridade é uma preocupação que se impõe.

Neste estudo foram criados cinco percursos de jovens NEET. O *Percurso escolar condicionado*, que reúne 11 jovens, e que se caracteriza pelas trajetórias negativas na escola, o *Percurso condicionado pela família*, contém 8 jovens, que vivenciaram uma situação familiar que teve consequências diretas e nefastas no/a jovem, o *Percurso linear positivo*, com 7 jovens, representa as trajetórias positivas na escola, o *Percurso instável*, agrupa 4 jovens, com uma trajetória de vida negativa em todas as vertentes (família, escola e comportamentos desviantes/disruptivos) e o *Percurso condicionado por problemas de saúde física e mental*, com 4 jovens, que apresentam problemas de saúde, quer sejam de nível mental ou físico, que foram preponderantes na trajetória dos/as jovens.

Perceber aquilo que os une e que os separa é fundamental quando queremos criar políticas e melhorar a intervenção junto destes jovens. A complexidade e heterogeneidade das situações mostram a Projetos como o Ativa-te, onde se insere esta investigação, que o apoio aos jovens NEET deve passar primordialmente pela lógica do “one-to-one”, principalmente para compreender as necessidades que cada jovem tem e precisa de trabalhar para conseguir evoluir e superar-se a si próprio. E que é este trabalho, em articulação com políticas juvenis, sociais, de emprego e inclusão, concertadas e sensíveis a esta realidade, que permitirá aos/às jovens obter oportunidades mais reais e duradouras. Uma das muitas funções da Criminologia é a prevenção. A prevenção e a intervenção precoce nos NEET são uma área que a criminologia pode e deve explorar. Cada vez surgem mais projetos ligados aos NEET, mas não só, muito deles tentam intervir, aconselhar e orientar jovens, antes de eles chegarem a esta situação, com foco de intervenção no ambiente escolar e em jovens identificados com risco de abandonar a escola. Um dos pontos, que torna esta intervenção precoce favorável é a dificuldade sentida para chegar aos jovens NEET (European Commission, 2018). O programa Garantia Jovem é uma recomendação da UE, é um programa que intervém diretamente com jovens NEET e cada país fica responsável por estabelecer os moldes em que funciona. Destaca-se dois programas destinados a jovens NEET no Reino Unido, o “*Prince’s Trust*” e o “*Ealing Pathway Programme*”, ambos com objetivo de incidir no desenvolvimento de competências e do comportamento, com experiências de trabalho e em projetos comunitários ou voluntariado, competências práticas, orientação/apoio em

grupo e sobretudo incidir em novas experiências e no trabalho com diferentes pessoas. O programa Escolhas é um programa de intervenção precoce com o intuito de evitar o abandono escolar precoce, reduzir o absentismo e promover a empregabilidade (CECOA, 2015).

Não há investigação científica sem limitações, e as deste estudo foram de duas ordens: limitações metodológicas e limitações externas. As limitações metodológicas existentes foram ao nível da disponibilidade e interpretação dos dados. Como analisamos dados secundários criados e preenchidos pela gestora do projeto, nem sempre a informação constante foi suficiente. Algumas fichas tinham pouca informação, pouco aprofundada ou com a ausência de dados. A grande limitação externa foi a pandemia do COVID-19 que foi decretada na altura em que se estava a fazer a recolha de dados, o que não permitiu a realização de algumas entrevistas e a observação direta de algumas atividades do projeto. Recomenda-se a futuras investigações a utilização de metodologias mais qualitativas, que permitam um maior escrutínio da vida destes jovens, partindo da perspetiva destes

É importante em futuros trabalhos, que se tenha atenção, principalmente à influência da escola nos jovens. Nomeadamente, o que estes consideram que devia ter sido realizado para se colmatar as situações problemáticas do contexto escolar, que podem ser traumatizantes para muitos dos jovens, e se a mesma não será essencial para se prevenir que estes sejam NEET. Situações de bullying sem intervenção, a falta de respostas a quem apresente problemas de saúde ou incapacidade, e a falta de motivação são fatores que surgem transversais nas características dos/as jovens NEET. Outra das sugestões seria analisar a perspetiva que os jovens NEET têm do mercado de trabalho e as suas reais oportunidades. Neste escopo, seria bastante interessante, também, perceber as diferentes perspetivas que o próprio “mercado de trabalho” (na figura das empresas, empregadores...) tem relativamente a estes jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, P. (2011). A escola e o lazer: universos distintos?. In a J. Pais, R. Bendit & V. Ferreira (orgs.), *Jovens e Rumos* (101-111). Retirado de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/38167>
- Amaral, M. (2011). *Culturas Juvenis e Experiência Social Modos de Ser Jovem na Periferia* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Retirado de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28825/000772899.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70. Retirado de <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Bauman,%20Bourdieu,%20Elias/Livros%20de%20Metodologia/Bardin%20-%201977%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo.pdf>
- Benetti, B., Chaves, G., Ananias, L., & Giordani, T. (2010). Considerações sobre a influência do Bullying na constituição da identidade no adolescente. *Disciplinarium Scientia*, Série: Ciências Humanas, 11, 93-104. Retirado de <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1711/1615>
- Bonta, J., & Andrews, D. (2007). *Risk-Need-Responsivity Model for Offender Assessment and Rehabilitation*. Retirado de <https://www.publicsafety.gc.ca/cnt/rsrscs/pblctns/rsk-nd-rspnsvty/rsk-nd-rspnsvty-eng.pdf>
- Borges, R., & Coutinho, M. (2010). Trajetórias juvenis: Significando projetos de vida a partir do primeiro emprego. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 189-200. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Born, C. (2001). Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. *Sociologias*, (5), 240-265. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222001000100011>
- Calvo, E. (2011). A roda da fortuna: viagem à temporalidade juvenil. In a J. Pais, R. Bendit & V. Ferreira (orgs.), *Jovens e Rumos* (39-57). Retirado de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/38167>
- Camões, M. (2014). *Políticas Públicas para a Juventude* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra). Retirado de <http://hdl.handle.net/10316/34175>

- CECOA – Centro de Formação Profissional para o comércio e Afins (2015). *Orientações para uma identificação PRECOCE de jovens em risco de NEET e identificação de possíveis medidas de intervenção preventiva tendo em conta as especificidades locais*. Retirado de: <https://www.cecoa.pt/custompage/projects?tproj=internacional&aid=109>
- CNE (Conselho Nacional de Educação) (2020). *Estado da Educação 2019*. Retirado de <https://www.cnedu.pt/pt/publicacoes/estado-da-educacao/1615-estado-da-educacao-2020>
- Código Penal* (DL n.º 48/95, de 15 de Março). Retirado de: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=109&tabela=leis
- Convenção sobre os Direitos das Crianças* – Retirado de http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1894&tabela=leis
- Dias, T. (2016). *Entre ausências, incertezas e labirintos: a inserção social de jovens que não trabalham nem estudam no Brasil* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília). Retirado de https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23780/1/2016_TamilleSalesDias.pdf
- Doutor, C. (2016). Um Olhar Sociológico sobre os Conceitos de Juventude e de Práticas Culturais: Perspetivas e Reflexões. *Última Década*, 45, 159-174. Retirado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19549492009>
- DRE (Diário da República Eletrónico) (2018). *Resolução do Conselho de Ministros n.º 114-A/2018* (Plano Nacional de Juventude). Retirado de <https://data.dre.pt/eli/resolconsmin/114-a/2018/09/04/p/dre/pt/html>
- Duarte, V. (2012). *Discursos e Percursos na Delinquência Juvenil Feminina*. V. N. Famalicão: Edições Húmus.
- Eurofound (2012). *NEETs – Young people not in employment, education or training: Characteristics, costs and policy responses in Europe*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. Doi: 10.2806/41578
- Eurofound (2015). *Social inclusion of young people*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. Doi:10.2806/588575
- Eurofound (2016). *Exploring the diversity of NEETs*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. Doi: 10.2806/62307
- European Commission (2011). *Youth neither in employment nor education and training (NEET) Presentation of data for the 27 Member States*. Retirado de <https://ec.europa.eu/social/main.jsp?pager.offset=55&advSearchKey=neet&mode=advan>

cedSubmit&catId=22&doc_submit=&policyArea=0&policyAreaSub=0&country=0&year=0

- European Commission (2018). *Effective outreach to NEETs – Experience from the ground*. Doi: 10.2767/788210
- Farrington, D. (Ed.). (2017). *Integrated developmental & life-course theories of offending: Advances in criminological theory* (Vol. 14). Routledge. Retirado de https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=Ry0rDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=developmental+theory+farrington&ots=mvEnDU2HCh&sig=d-7gu6Uldcb-mMrq5gu_v07NJOI&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- Ferreira, I. (2018). *Os nem nem: Contributo para a construção de retratos sociológicos de jovens adultos que nem trabalham nem estudam, em Portugal* (Dissertação de Mestrado - Vol. I, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria). Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.8/3791>
- Ferreira, T., Pappámikail, L., & Vieira, M. (2017). *Jovens NEEF: Mudanças e continuidades no pós-crise*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa. Observatório Permanente da Juventude. Retirado de <https://www.opj.ics.ulisboa.pt/wp-content/uploads/ICS-Policy-Brief-2017-Observat.pdf>
- Ferreira, T., & Vieira, M. (2018). *Emprego, empregabilidade e empreendedorismo: as políticas públicas para o emprego jovem*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa. Observatório Permanente da Juventude. Retirado de <https://www.opj.ics.ulisboa.pt/wp-content/uploads/ICS-Policy-Brief-2018-Observat.pdf>
- Furlong, A. (2006). Not a very NEET solution: representing problematic labour market transitions among early school-leavers. *Work, Employment and Society*, Vol. 20(3), 553–569. Doi: 10.1177/0950017006067001
- Guerreiro, M., & Abrantes, P. (2007). *Transições Incertas. Os Jovens perante o Trabalho e a Família* (2ª ed.). Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego. Retirado de http://cite.gov.pt/imgs/downloads/Transicoes_Incertas.pdf
- Guerreiro, M., Abrantes, P., & Pereira, I. (2007). Transições na juventude – Percursos e discontinuidades. In a M. Guerreiro, A. Torres & L. Capucha (orgs), *Portugal no Contexto Europeu, Vol. III: Quotidiano e Qualidade de Vida* (239-261). Retirado de <http://hdl.handle.net/10071/4532>

- Holmes, C., Murphy, E., & Mayhew, K. (2019). What accounts for changes in the chances of being NEET in the UK?. *SKOPE Working Paper* (128). Retirado de <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED598231.pdf>
- Lahire, Bernard (2004). *Retratos sociológicos - Disposição e variações individuais*. São Paulo: Artmed Editora. Retirado de https://favaretoufabc.files.wordpress.com/2015/09/lahire-bernard-retratos-sociologic3b3gicos_disposic3a7c3b5es-e-variacion3a7c3b5es-individuais.pdf
- OECD (2016). The NEET challenge: What can be done for jobless and disengaged youth?. In *Society at a Glance 2016: OECD Social Indicators*, OECD Publishing, Paris. Doi: https://doi.org/10.1787/soc_glance-2016-4-en
- OECD (2017). Characteristics of young people not in employment, education or training (NEETs) in Japan. In *Investing in Youth: Japan*: OECD Publishing, Paris. Doi: <https://doi.org/10.1787/9789264275898-en>
- OIT (Organização Internacional do Trabalho) (2018). *Transições e Trajetórias Juvenis no Mercado Brasileiro de Trabalho: Padrões e Determinantes*. Retirado de <https://cebrap.org.br/wp-content/uploads/2019/01/TET-Transicoes-e-Trajektorias-Juvenis-BRA.pdf>
- Pais, J. (1990). A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*, XXV(105-106), 139-165. Retirado de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>
- Pais, J. (1996). Levantamento bibliográfico de pesquisas sobre a juventude portuguesa – tradições e mudanças (1985-1995). *Sociologia – Problemas e Práticas*, (21), 197-221. Retirado de <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/896/1/10.pdf>
- Pais, J. (2016). *Ganchos, tachos e biscates – Jovens, trabalho e futuro* (4ª edição). Edições Machado. Retirado de <https://www.researchgate.net/publication/282666623>
- Pappámikail, L. (2010). Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, XX, 395-410. Retirado de <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8809.pdf>
- Pappámikail, L. (2011). A adolescência enquanto objecto sociológico: notas sobre um resgate. In a J. Pais, R. Bendit & V. Ferreira (orgs.), *Jovens e Rumos* (81-99). Retirado de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/38167>

- Perovic, B. (s/d). *Defining Youth in Contemporary National Legal and Policy Frameworks Across Europe*. Retirado de <https://pjp-eu.coe.int/documents/42128013/47261653/Analytical+paper+Youth+Age+Bojana+Perovic+4.4.16.pdf/eb59c5e2-45d8-4e70-b672-f8de0a5ca08c>
- Reis, P., & Nofre, J. (2018). El Programa de Garantía Joven en Portugal: Análisis preliminar y primeras conclusiones. *Sociologia On Line*, (17), 39-65. Doi: 10.30553/sociologiaonline.2018.17.
- Rowland, J., Ferreira, V., Vieira, M., & Pappámikail, L. (2014). *Nem em Emprego, nem em Educação ou Formação: Jovens NEEF em Portugal numa perspetiva comparada*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa. Observatório Permanente da Juventude. Retirado de <https://observatorio-lisboa.eapn.pt/wp-content/uploads/Jovens-NEEF-em-Portugal.pdf>
- Rowland, J., & Vieira, M. (2015). Transições Juvenis em Portugal e na Europa. In a J. Ferrão & A. Delicado (Eds.), *Portugal Social em Mudança: Portugal no contexto europeu em anos de crise* (47-57). Retirado de <http://hdl.handle.net/10451/33278>
- SEU (Social Exclusion Unit) (1999). *Bridging the gap: New opportunities for 16–18 year olds not in education, employment or training*. Retirado de <https://dera.ioe.ac.uk/15119/2/bridging-the-gap.pdf>
- Silva, A. (2015). *Jovens NEET: o caso português* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro). Retirado de <https://ria.ua.pt/handle/10773/16031>
- Silva, A., & Machado, F. (2010). Transições para a vida adulta entre os jovens de um bairro social. *Ousar Integrar – Revista de Reinserção Social e Prova*, (6), 29-41.
- Tajan, N., Yukiko, H., & Pionnié-Dax, N. (2017). Hikikomori: The Japanese Cabinet Office’s 2016 Survey of Acute Social Withdrawal. *The Asia-Pacific Journal: Japan Focus*, Vol. 15(5), 1-11. Retirado de <https://www.researchgate.net/publication/31428514>
- Torres, S., & Lima, F. (2014). Dinâmica e caracterização dos jovens não empregados que não estão em educação ou formação (NEEF) em Portugal. *Estatísticas de Emprego*, 35-47. Retirado de https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_estudos&ESTUDOSest_boui=222612776&ESTUDOSmodo=2
- UNESCO (2004). *Políticas Públicas de/para/com as juventudes*. Brasília. Retirado de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000165.pdf>

- United Nations (2010). *World Programme of Action for Youth*. Retirado de <https://www.un.org/esa/socdev/unyin/documents/wpay2010.pdf>
- Vala, J. (1990). A análise de conteúdo. In a A. Silva & J. Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (101-128).
- Vieira, M., Pappámikail, L., & Ferreira, T. (2018). Jóvenes Y Políticas Juveniles: Algunos Desencuentros. El caso del Sistema de Garantía Juvenil en Portugal. *Metamorfosis. Revista del Centro Reina Sofía sobre Adolescencia Y Juventud*, (9), 67-88. Retirado de <http://hdl.handle.net/10451/36671>
- World Health Organization – WHO (1986). *Young people's health – a challenge for society*. Retirado de https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/41720/WHO_TRS_731.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Websites

- Ativ@-te (Projeto). Disponível em <https://www.misericordiadamaia.com/ativate>
- Caetano, M. (10 de junho de 2019). Jovens nem-nem baixaram para metade mas ainda são 220 mil. *Diário de Notícias* Retirado de <https://www.dn.pt/dinheiro/jovens-nem-nem-baixaram-para-metade-mas-ainda-sao-220-mil-10995785.html>
- EUR-Lex (2017). *Europa 2020: a estratégia da União Europeia para o crescimento e o emprego*. Retirado de <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/pt/TXT/?uri=LEGISSUM:em0028>
- Eurofound (27 de julho de 2020). *NEET*. Retirado de <https://www.eurofound.europa.eu/pt/topic/neets>
- Eurostat (2020). *Young people neither in employment nor in education and training by sex, age and labour status (NEET rates)*. Retirado de <https://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/submitViewTableAction.do>
- Jovens "nem nem" já são 267 milhões em todo o mundo. (9 março de 2020). *Jornal de Notícias*. Retirado de <https://www.jn.pt/mundo/nao-estudam-nem-trabalham-jovens-nem-nem-ja-sao-267-milhoes-em-todo-o-mundo-11906663.html>
- Nações Unidas – Disponível em: <https://www.un.org/en/sections/issues-depth/youth-0/index.html>
- Torres, J. (14 de setembro de 2020). Jovens num mundo em obras. *Público 3*. Retirado de <https://www.publico.pt/2020/09/14/p3/cronica/jovens-mundo-obras-1931294?>

ANEXOS

ANEXO A

Tabela 1: Perfis Sociais dos/as jovens do Projeto Ativ@-te

Tabela 1: Perfis Sociais dos/as jovens do Projeto Ativ@-te

Nome Fictício	Sexo	Idade	Nacionalidade	Escolaridade	Apoios/Subsídios
Tiago	M	19	Portuguesa	6º Ano	Sim
David	M	20	Portuguesa	12º Ano	Sim
Ângela	F	24	Portuguesa	12º Ano	Sim
João	M	24	Portuguesa	12º Ano (Frequentou 3 anos de universidade)	Não
Filipa	F	26	Portuguesa	12º Ano (Frequentou universidade)	Não
Marco	M	31	Portuguesa	9º Ano	Sim
Alice	F	27	Portuguesa	12º Ano (Frequentou 1 ano universidade)	Sim
António	M	19	Portuguesa	12º Ano	Sim
Vanessa	F	20	Portuguesa	12º Ano (Frequentou universidade)	Não
Leonor	F	27	Portuguesa	10º Ano	Sim
Mário	M	19	Portuguesa	9º Ano	Não
Ivone	F	29	Portuguesa	12º Ano	Não
Francisco	M	21	Brasileira	12º Ano (Frequentou 1 ano universidade)	Sim
Rui	M	28	Portuguesa	9º Ano	Sim
Eduardo	M	28	Portuguesa	12º Ano (Frequentou Universidade)	Não
Rafaela	F	30	Portuguesa	12º Ano	Sim
Marta	F	26	Portuguesa	9º Ano	Sim
Diogo	M	24	Portuguesa	12º Ano	Não
Avelino	M	25	Portuguesa	12º Ano	Sim
Rute	F	23	Portuguesa	12º Ano	Não
Gabriel	M	27	Portuguesa	6º Ano	Sim
Rafael	M	18	Portuguesa	5º Ano	Sim
Afonso	M	20	Portuguesa	12º Ano	Não
Lucas	M	23	Portuguesa	12º Ano	Não
Mafalda	F	23	Portuguesa	12º Ano	Sim
Débora	F	27	Portuguesa	10º Ano	Sim
Beatriz	F	22	Portuguesa	9º Ano	Sim
Teresa	F	22	Portuguesa	8º Ano	Sim
Jaime	M	21	Portuguesa	12º Ano	Sem Informação
Fábio	M	18	Portuguesa	9º Ano	Sim
Lourenço	M	23	Portuguesa	6º Ano	Sim
Sara	F	21	Portuguesa	12º Ano	Sim
Dinis	M	19	Portuguesa	12º Ano	Não
Aida	F	19	Portuguesa	5º Ano	Não
Sebastião	M	19	Portuguesa	7º Ano	Sim
Vitória	F	27	Portuguesa	12º Ano	Não
Carolina	F	27	Portuguesa	9º Ano	Sim

Vasco	M	21	Portuguesa	12° Ano	Não
Nelson	M	24	Portuguesa	7° Ano	Não
Camila	F	25	Portuguesa	12° Ano	Sem Informação
Guilherme	M	20	Portuguesa	9° Ano	Sim
Simão	M	29	Portuguesa	9° Ano	Sim
Anita	F	17	Portuguesa	6° Ano	Sim
Matilde	F	28	Portuguesa	7° Ano	Sim
Fátima	F	18	Portuguesa	9° Ano	Sim
Conceição	F	30	Portuguesa	9° Ano	Sim

ANEXO B

Guião da Entrevista do Grupo Focal dos/as jovens do Projeto Ativ@-te



Guião de entrevista

Protocolo de Entrevista

- Apresentação institucional e da equipa;
- Apresentação do objetivo do grupo focal (avaliação do projeto Ativ@-te);
- Solicitar autorização para gravação;
- Garantir o anonimato/ confidencialidade/ e explicar que os dados recolhidos serão utilizados apenas no âmbito do trabalho de avaliação do projeto.

Questões introdutórias e de caracterização:

- 1) O que é para vocês ser jovem em Portugal?
- 2) Na vossa opinião, quais são as principais dificuldades que os/as jovens portugueses/as enfrentam? (desbloqueadores: por exemplo, para se autonomizarem...)
- 3) Podem falar-me um pouco sobre o que pensam ser os motivos para os problemas que vocês indicaram?
- 4) O que é para vocês ser um jovem NEET?

Questões relativas ao projeto:

Pensando agora na vossa experiência...

- 1) Como chegaram ao projeto Ativ@-te?
- 2) Sentem que estar neste projeto vos tem ajudado? Em quê? (por exemplo: formação, escolaridade, voluntariado de continuidade, inserção em grupos, frequência de atividades desportivas e lúdicas, ocupação útil do dia-a-dia (lazer construtivo), empregabilidade)
- 3) Apontem pontos fortes e pontos fracos do projeto
- 4) Se fossem vocês a criar um projeto para jovens na vossa situação, o que é que criariam/ faziam/ proporiam?

ANEXO C

Esquema Categorização

Esquema Categorização

